

FENOMENOLOGIA ORGÂNICA E PSÍQUICA DA MEDIUNIDADE

Prof.^(a) Sérgio Felipe de Oliveira
sergiofelipe@uniespirito.com.br

Tópico 1 » Os estados de transe ou fenômenos mediúnicos

Estudamos dentro deste tema - **Fenomenologia Orgânica e Psíquica da Mediunidade** - os estados de transe ou fenômenos mediúnicos. Cremos que as hipóteses levantadas aqui e as pesquisas já efetuadas ressaltam a importância do tema no contexto da saúde e o colocam dentro de uma área mais ampla da medicina, a da neuroanatomia funcional e transpessoal.

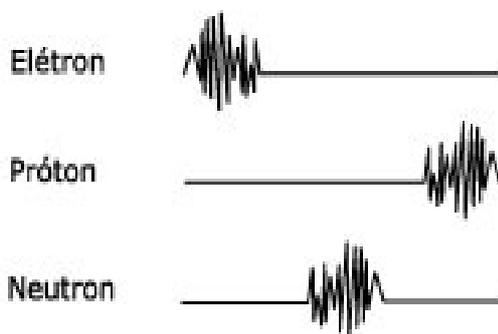
Sentimo-nos à vontade para abordá-lo, porque o **Código Internacional de Doenças (CID) no. 10 (F 44.3)** já reconhece os estados de transe e possessão por espíritos; do mesmo modo que o Tratado de Psiquiatria de Kaplan e Sadock, da Universidade de Nova York, no capítulo sobre Teorias da Personalidade faz menção ao assunto; e Carl Gustav Jung, em sua primeira obra, analisa o caso de uma médium, uma moça, "possuída" por um espírito, no estudo que fez dos fenômenos ocultos. Aliás, esse termo - possessão por espíritos - é usado pela Associação Americana de Psiquiatria, no DSM4 - Casos Clínicos.

A moça estudada por Jung ficava possuída por espíritos e apresentava crises, do tipo histero-epileptiformes, ou seja, uma mistura de histeria e epilepsia, uma alteração complexa de comportamento. Em sessão mediúnica, ela manifestava a personalidade de um espírito conhecido, um familiar dos assistentes. Após os ataques espirituais, apresentava fortes dores de cabeça que eram amenizadas por um ritual desenvolvido por ela mesma, o do autopasse, que a imantava de energia, através de movimentos dos braços. Hahnemann, o fundador da Homeopatia, usou esse termo - passe - no Organon; Jung, também, em suas obras.

Os fenômenos mediúnicos são muito ricos, tanto podem aparecer na forma de sintomas orgânicos e psíquicos, quanto de fenômenos ocultos ou paranormais. Para enfocá-los, vamos partir do pensamento contemporâneo da Ciência.

A primeira hipótese a ser estudada é a da existência do mundo espiritual, a existência de dimensões ou Universos Paralelos.

A Física atual tem apresentado várias teorias, na tentativa de unificar todas as forças físicas conhecidas, uma delas é Teoria das Supercordas que pressupõe a existência de 11 dimensões, também conhecidas como universos paralelos, coincidindo com a revelação espírita sobre os vários planos da vida espiritual.

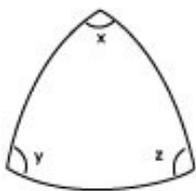
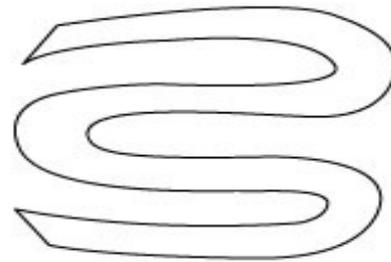


De forma muito simplificada, podemos dizer que a Teoria das Supercordas trabalha com a hipótese de que as partículas atômicas sejam como cordas de energia; assim, se esquematizássemos um elétron, o veríamos como uma corda, com uma vibração numa extremidade; se fosse um nêutron, seria a mesma corda só que teria, por exemplo, uma vibração na posição intermediária, um próton vibraria na outra extremidade. Assim, essas três partículas do átomo, seriam cordas, carregariam a mesma estrutura, mas teriam vibrações diferentes. Somente essas oscilações peculiares seriam responsáveis pela configuração delas.

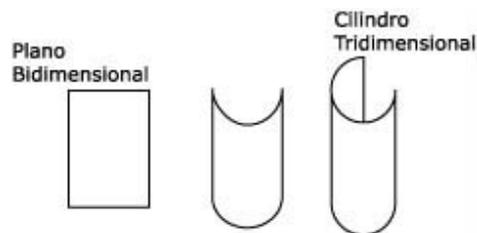
Dessa forma, consegue-se unificar tudo, chegar a uma partícula essencial, que poderíamos chamar de supercorda simples.

Embora ainda não tenhamos uma comprovação final dessa teoria, é interessante acompanharmos os seus estudos na compreensão do macrocosmo. Seriam as super-cordas o fluido cósmico universal de Kardec? Dizemos isso porque, para estudarmos a origem do universo, precisamos pesquisar a fonte de onde vieram as partículas e subpartículas atômicas, porque, afinal, tudo começou num ponto menor do que a cabeça de um alfinete. Então, as formas e os padrões existentes no microcosmo seriam reproduzidos no macrocosmo. Será que o universo seria também uma grande corda de energia? Vamos tentar utilizar essa idéia para a compreensão da forma do universo.

Imaginemos que a nossa dimensão seja uma grande corda de energia, um tapete. Continuemos o raciocínio: o nosso espaço tridimensional, é curvo. Sabemos disso porque se tentarmos fazer uma triangulação de três estrelas no firmamento, vamos constatar o seguinte: essas três estrelas formam um triângulo, este possui a soma dos ângulos internos maior que cento e oitenta graus. E isto só é possível se esse triângulo estiver desenhado sobre um espaço curvo.



$$x + y + z > 180^\circ$$



Analisemos agora o seguinte, quando se tem um plano bidimensional, como uma folha de papel, por exemplo, no momento em que ela se curva, o fará para a terceira dimensão. Assim, o objeto, antes plano, torna-se um cilindro, passa de duas para três dimensões.



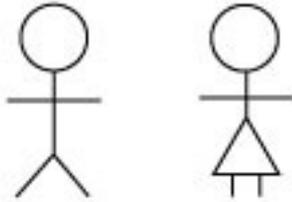
O mesmo acontece com o nosso espaço de três dimensões, como ele é curvo, podemos dizer, então, que se curva para a quarta dimensão. E, assim, sucessivamente. A quarta dimensão é um espaço que se chama espaço-tempo.

Mas o tempo também é curvo, por razões que não caberiam ser discutidas aqui, então, sendo curvo ele se curva para a quinta dimensão e assim sucessivamente, de forma que, para os cálculos complexos da Teoria das Supercordas, chega-se a onze dimensões.

Seria, portanto, o mesmo tapete, imaginado, inicialmente, curvado, um plano sobre outro.

É o mesmo universo, só que dobrado em várias dimensões, essas seriam os universos paralelos, que corresponderiam aquilo que nós chamamos de planos espirituais ou Espiritualidade. De sorte que estamos indagando o seguinte: será que nesses universos paralelos, não haveria a continuidade da vida? Se isto é possível, depois da terceira dimensão, onde nos encontramos, deixamos o corpo físico e partimos para outra. Seria o fenômeno da morte, seguido de um renascimento para uma nova vida.

Plano Bidimensional

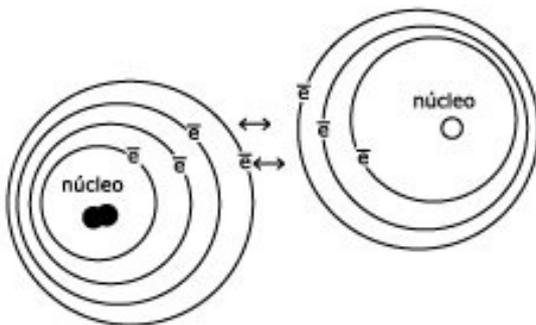


Vamos supor dois personagens: **João** e **Maria** vivendo em um plano bidimensional; eles teriam a possibilidade de visualizar tudo o que está compreendido em duas dimensões, porque têm estrutura sensorial adequada para isso. Nós que estamos na terceira dimensão podemos enxergar João e Maria, mas eles não têm condições de nos ver, a não ser que saiam do mundo em que estão e nos alcancem.

O mesmo raciocínio é válido para a quarta, quinta, sexta e demais dimensões, também chamadas de universos paralelos. Isto ocorre sempre, se existe alguém em uma dimensão acima da nossa, ele pode nos ver, mas nós só conseguiremos enxergá-lo, se sairmos do corpo, através do desdobramento ou Experiência Fora do Corpo (EFC ou OOB), e adentrarmos o mundo em que ele está.

Muito bem, analisado esse conceito, é preciso estudar a estrutura física que compõe as dimensões espirituais. Vejamos, então, algo sobre a constituição da matéria.

A primeira questão é que a matéria, como nós a percebemos, como a sentimos, é constituída de átomos, compostos, por sua vez, por prótons, nêutrons e a eletrosfera ou a nuvem de elétrons. Então, toda a matéria tem, por assim dizer, na sua superfície, uma quantidade de elétrons, que são partículas de carga negativa.



Quando aproximamos dois corpos materiais, na verdade, estamos juntando camadas de elétrons, isto é o mesmo que aproximar ímãs da mesma polaridade, o que provoca uma repulsão, porque a atração, como sabemos, só é possível se houver pólos contrários. No caso da matéria, a sua camada superficial é formada por elétrons, o que implica em repulsão e é esta que dá a impressão tátil. O que nós sentimos, ao pegar um objeto, é a repulsão dos elétrons.

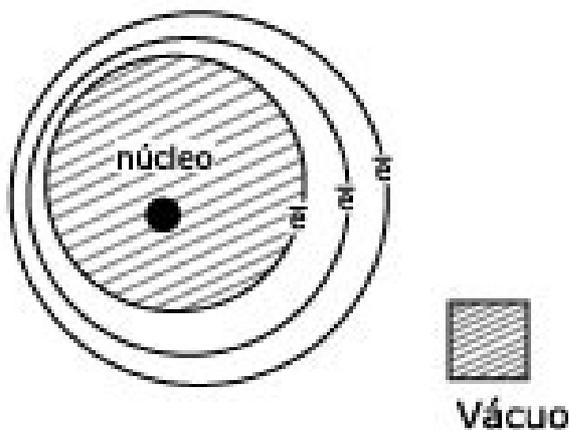
Se fosse possível tocar a matéria, conforme se imagina no senso-comum, então, essa camada de elétrons entraria em outra, de modo a produzir uma verdadeira fusão atômica. E isso daria uma grande explosão. Assim, um aperto de mão, um abraço, seria uma explosão que poderia, talvez, destruir o mundo. Com isso se conclui que a matéria é intangível.

Outro fato interessante também é o seguinte: Para que um objeto possa ser visto, há a necessidade de que ele esteja iluminado, desse modo, o que enxergamos não é o objeto, mas a luz refletida nele. Então a matéria é invisível, e também intangível.

Coisa curiosa, porque normalmente o materialista acredita na matéria com consistência concreta, mas, na realidade, ela não o é.

Outro aspecto importante: é possível tocar-se uma pessoa abraçá-la, beijá-la, e não se sentir nada. Ao mesmo tempo, há a possibilidade de existir uma pessoa distante, que pode ser evocada, por uma lembrança, um cheiro, um objeto qualquer, e a gente se emocionar. De uma forma poética, podemos dizer que o que toca é o espírito, a alma, a matéria não, ela apenas intermedeia a relação entre as pessoas e entre as pessoas e os objetos.

Outra questão também: o átomo. A maior parte dele é vazia. Quer dizer, a essência da matéria é constituída de vácuo. E este significa ausência absoluta de matéria.



Ocorre o seguinte, Einstein, através de cálculos matemáticos já havia presumido que, no vácuo do átomo, teríamos uma energia denominada por ele de energia flutuante quântica do vácuo.

Posteriormente, Paul Dirac, ganhador do Prêmio Nobel de Física, trabalhou essa questão do vácuo atômico, afirmando que existe um mar de partículas, subjacente a ele. Como entender esse mar de partículas? Elas vibrariam numa velocidade infinita, tornando-se, então, invisíveis, como acontece com as pás de um ventilador ou as hélices de um avião, que oscilam muito rápido, e por isso não se consegue enxergá-las. Assim, as partículas com vibração muito rápida tornam-se invisíveis aos sensores da nossa ciência, que não tem tecnologia para detectá-las.

Temos, então, um mar invisível. O que acontece?

Quando uma partícula se choca com outra, vinda desse universo subjacente ao vácuo, ela perde um tanto da sua velocidade, que fica semelhante à da luz e aparece no vácuo. Isto, no entanto, é momentâneo, porque novamente ela decai para o mar de partículas. É como se fosse uma pedra que se atira para cima, vai até um certo ponto e, depois, volta.

Na verdade, a energia flutuante quântica do vácuo é representada por partículas de matéria ou de antimatéria de velocidade, presumivelmente, superior à da luz, que poderiam, eventualmente, aparecer no vácuo atômico, aos nossos sensores, voltando, depois, a cair no mar de partículas.

Dessa forma, o vazio, a ausência de matéria não existiria.

Curiosamente, na Universidade de São Paulo, no Instituto de Física, o Laboratório de Pesquisa de Hadrões vem se baseando na idéia de que o vácuo, na verdade, é aonde existe a maior parte da estrutura da matéria, subjacente a ele, existiria um universo de partículas que ainda não foi avistado.

A respeito do trabalho dos cientistas há, no Brasil uma interessante obra psicografada por Francisco Cândido Xavier, "Nos domínios da mediunidade", que faz parte de uma coleção de catorze volumes, do tipo romanceado, que trazem muitas revelações científicas e explicam a questão da relação entre o mundo espiritual e o físico. Nesse livro, na sua introdução, o Espírito Protetor do médium, Emmanuel, afirma que os

cientistas materialistas são também de Deus, porque, ao investigarem a estrutura da matéria, vão chegar à conclusão de que ela não existe e perderão o objeto de sua própria convicção.

E não é isso o que está acontecendo, desde o advento da física quântica?

Na verdade, o termo matéria precisa ser amplificado, porque ela não é somente esse tipo que nós conseguimos apalpar, mas é também o que entra na constituição desses universos paralelos ou planos espirituais, que seriam dotados de outros dos seus padrões, que vibram em outra frequência, em outra dimensão. Assim, em tese, nas diversas dimensões, ela não deixaria de ter consistência para os habitantes de cada uma delas.

Desse modo, o plano espiritual não seria constituído por figuras virtuais ou fantasmas etéreos, mas por entidades de consistência física sólida, com grande expressão de cores, formas, sons, compostos por outros padrões de matéria desconhecidos ainda da nossa Ciência contemporânea, mas, já presumidos pelos estudos da física teórica ou da física matemática.

Como traduzir tudo isso em equações? Nessa tentativa, é preciso analisar a relação entre massa e energia.

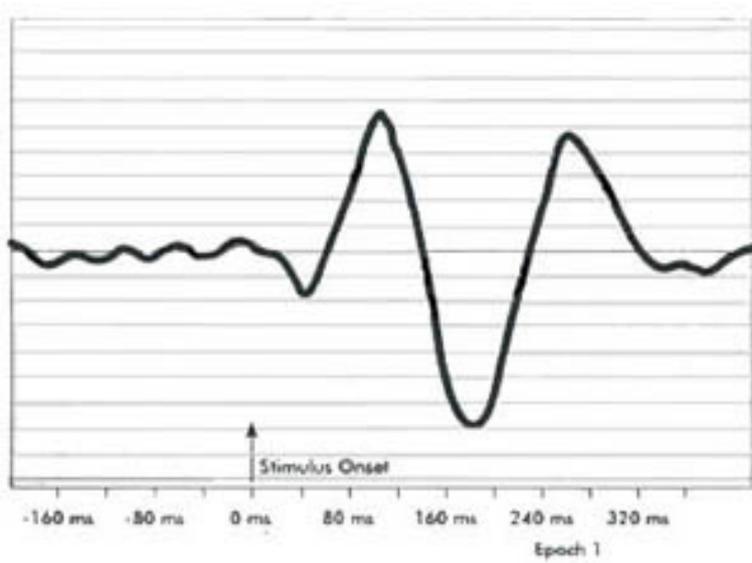
$$E = \frac{m \cdot c^2}{\sqrt{1 - \left(\frac{v}{c}\right)^2}} \quad v \rightarrow c$$

Se tomarmos a fórmula de Einstein, energia é diretamente proporcional ao produto da massa pela velocidade da luz ao quadrado; dividido por raiz quadrada de um menos a velocidade da partícula estudada, sobre a velocidade da luz ao quadrado com a velocidade da partícula tendente a velocidade da luz.

Essa equação de Einstein leva a uma partícula, que tem quase a velocidade da luz, então essa fração V/C é quase um, um menos quase um, dá um número muito pequeno, zero vírgula zero, zero, zero, zero, um. Produto da massa pela velocidade da luz ao quadrado, dividido por zero, vírgula, zero, zero, zero, zero, zero, zero, zero, um vai dar numa energia elevada, detectável pelos nossos aparelhos, essa equação, ela vai retratar todo o nosso universo biológico, material biológico, a nossa biosfera, então, responderia a essa equação, o corpo físico, ou melhor, biológico e também o nosso duplo etérico.

$$E = \frac{m \cdot c^2}{\sqrt{1 - \left(\frac{v}{c}\right)^2}} \quad v \rightarrow c \quad \begin{array}{l} \text{Corpo biológico} \\ \text{Duplo etérico} \end{array}$$

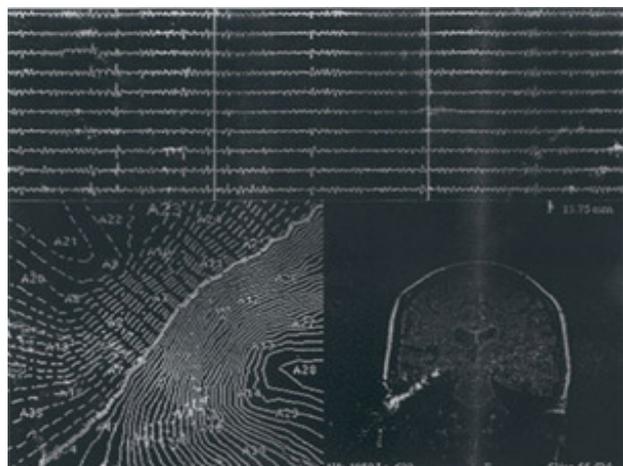
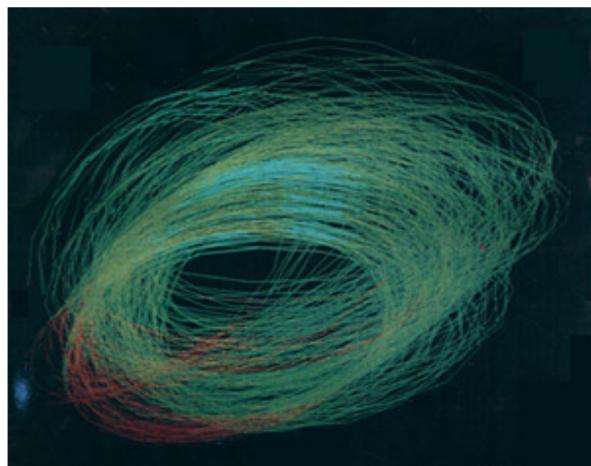
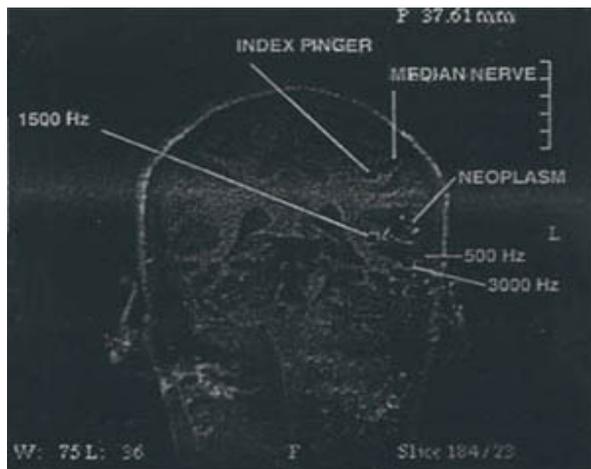
O que é o duplo etérico?



São todas as radiações físicas do nosso corpo, por exemplo, a elétrica.

Se fazemos um eletrocardiograma, detectamos a radiação do coração; um eletroencefalograma a do cérebro.

Podemos também detectar a radiação magnética, através da ressonância nuclear magnética de nosso corpo, transformada em imagem. Quer dizer, o nosso corpo, tem uma radiação eletromagnética, assim como a radiação de calor, todas elas pertenceriam ao corpo orgânico, a partir do duplo etérico.



Com a morte do corpo biológico, este corpo sutil também perece.

A equação de Einstein responderia pelos fenômenos biofísicos que ocorrem no corpo biológico e no duplo etérico. Essa equação é de função quadrática, sendo assim ela fornece duas respostas, a outra seria representada por uma outra equação, que seria a seguinte:

$$E = \frac{m \cdot c^2}{\sqrt{\left(\frac{v}{c}\right)^2 - 1}} \quad v \rightarrow \infty$$

A energia é diretamente proporcional à massa inicial pela velocidade da luz ao quadrado, sobre raiz quadrada da velocidade da partícula estudada sobre a velocidade da luz ao quadrado menos um, sendo a velocidade da partícula estudada tendente ao infinito.

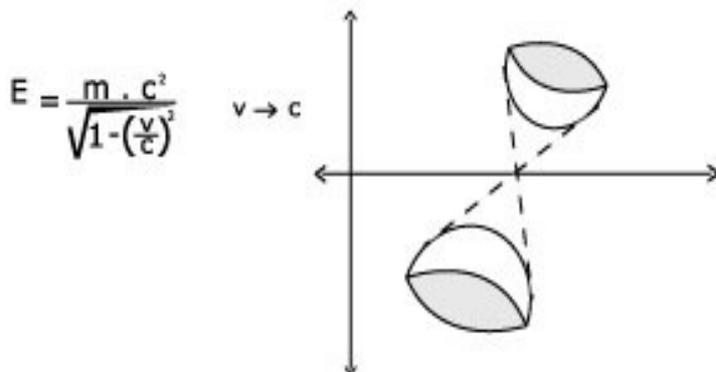
Concluimos, assim, que a vibração da partícula estudada seria infinita, não se limitaria, portanto, aos 300 mil Km/s da velocidade da luz. Esta outra resposta, foi como que deixada de escanteio pelos estudos da Física, porque ela derroga a Lei da Causalidade. Se tivermos uma partícula que supere a velocidade da luz, ela regressaria no tempo e teríamos, então, uma derrogação da lei da causalidade. Isto causa um certo mal-estar entre os físicos porque eles teriam que modificar os paradigmas da própria Física e até mesmo os que servem de modelo e guia ao nosso cotidiano.

O fato é que essa equação existe. E há pesquisadores que estão em busca de uma representação física dessa equação e acreditam que ela possa representar uma outra realidade física. Acreditamos que essa equação possa ser aproveitada. Nela, infinito dividido por velocidade da luz é infinito, menos um é infinito.

Vemos, então, que a velocidade da partícula estudada pode ser infinito. O produto da massa pela velocidade da luz ao quadrado dividido por infinito vai dar um número infinitamente pequeno, uma energia muito pequena que poderíamos chamar de energia sutil. Essa energia seria a vital, própria do perispírito, do corpo bioplasmático ou da matéria do plano espiritual. A equação responderia a essa questão.

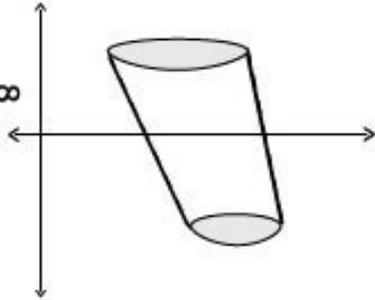
Isto quer dizer que as partículas teriam vibração tão intensa que se tornariam indetectáveis aos nossos sentidos e aos aparelhos que a Ciência detém hoje em termos de tecnologia.

Muito bem, veja que coisa curiosa, vamos, fazer um gráfico ilustrativo dessas equações.



Se nós pegarmos a primeira equação correspondente ao corpo biológico, E igual m zero c ao quadrado sobre raiz quadrada de um menos v sobre c ao quadrado, v tendente a c, nós teríamos um gráfico assim.

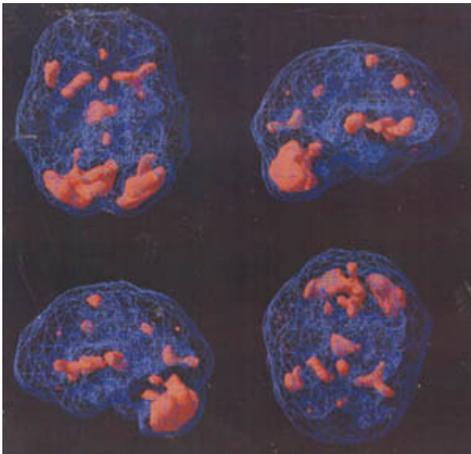
Agora vamos ver a outra equação correspondente ao perispírito, aos corpos sutis: energia, m zero c ao quadrado sobre raiz quadrada de v sobre c ao quadrado menos um com v tendente ao infinito. Então vamos tentar ver como ficaria o gráfico dessa condição, ficaria assim.

$$E = \frac{m \cdot c^2}{\sqrt{\left(\frac{v}{c}\right)^2 - 1}} \quad v \rightarrow \infty$$


Podemos construir uma metáfora, mas para traduzir um conceito verdadeiro. Imaginemos que aqui nós teremos o universo físico, e aqui o universo mental. Então de acordo com essa formulação, o universo físico e o mental, não teriam ponto de contato, o universo mental seria uma realidade virtual do universo físico como a imagem de um espelho. Então a idéia de que a imaginação, que o pensamento seriam coisas virtuais, destituídos de representatividade física, estaria enquadrado dentro deste tipo de equação.

Agora aqui, os dois universos interceptam-se, acasalam-se, eles se tocam. É como se Alice tivesse transfixado o espelho, vamos dizer assim.

Então o universo mental ou psíquico ou o universo da alma, tem uma relação com o universo físico. A imaginação e o pensamento, teriam um ponto de contato real e concreto com o universo físico.



Os estudos recentes de tomografias por emissão de pósitron e ressonâncias funcionais, vêm mostrando que o ato de pensar consome oxigênio e glicose, e diversos padrões do pensamento, como os da memória ou imaginação, por exemplo, vão provocar um aumento da microcirculação cerebral, em áreas específicas do cérebro que estão ligados a esses padrões.

Então a medicina vem demonstrando que o pensamento é uma energia. Por que? Porque se o ato de pensar gasta oxigênio e glicose, realiza trabalho. Entendendo-se por trabalho, o produto da força pelo deslocamento da matéria; podemos concluir que o pensamento é uma força que consome oxigênio e glicose, e, como tal, desloca matéria, realiza trabalho, então, é energia.

É uma energia que causa impacto sobre a matéria.

Resta um grande questionamento: o cérebro secreta o pensamento ou este é produzido por um outro sistema e o nosso corpo seria um transdutor desse pensamento? Afinal, o cérebro é o produtor ou veiculador do pensamento?

Para buscar respostas, precisamos entrar um pouco na matemática de Gödel, esse eminente matemático que trabalhou com Einstein. Vou tentar traduzir a minha compreensão sobre a complexa elaboração mental do Teorema de Gödel.

A idéia básica seria a seguinte: Um sistema não é capaz de deter autoconsciência.

Como seria isso? Imaginemos uma equação matemática por exemplo: $ax^2 + bx + c = 0$. Então essa equação vai chegar a um resultado, xI, e xII. Dois resultados aliás.

Essa equação explica o resultado, mas o modo como essa equação funciona somente poderá ser explicada por uma outra equação que vem de fora.

Vamos pensar também num computador: ele pode ser o mais elaborado do mundo, ultra- rápido, quase dotado de consciência própria, quase, porque ele depende de um programador que vem de fora. Se não há um programador ele não pode funcionar, não tem como gerenciar a sua própria existência.

Imaginemos que esse computador seja o nosso cérebro, o mais perfeito já construído. Sem um programador, esse computador não seria capaz de ter autoconsciência.

A consciência, portanto, teria de vir de fora, de um programador que não pertencesse à sua estrutura.

Assim, segundo o Teorema de Gödel, um sistema não é capaz de autoconsciência, esta tem de vir de fora.



Roger Penrose

O nosso cérebro sendo um computador, a consciência, certamente, não vem dele, está num programador que está fora dele, isto é, em um metassistema, distinto dele. Para nós, esse metassistema é o espírito, alma ou psiquismo. Assim, o cérebro seria um arquivador, uma CPU, um computador que viria de um programador que é o espírito.

Essa idéia é revolucionária na área da neurociência. Na verdade, a nossa consciência não vem do corpo, mas este seria um transdutor dela, porque a sua origem viria de um metassistema ou Espírito.

Tópico 2 » Se morre o corpo, o Espírito sobrevive?

Na falta de uma resposta definitiva, vamos trabalhar com essa hipótese - a personalidade, a identidade da pessoa vem do Espírito. Morre o corpo mas o Espírito sobrevive e vai habitar os universos paralelos, as dimensões espirituais.

Platão na sua obra A República relata o episódio de Er, um indivíduo que saiu do corpo físico e foi visitar o mundo espiritual, relatando na volta, do ponto de vista físico, esse outro plano.

Na obra de Dante Alighieri A Divina Comédia, vemos a descrição do céu, do inferno e do purgatório, com base nas visitas que o autor fez à diversas dimensões da espiritualidade, num relato do que constituiria o espaço físico e a vida nesses locais. Temos também as obras codificadas por Allan Kardec, por exemplo, o

livro O céu e o inferno, relatos de espíritos, ou pessoas que já partiram para o plano espiritual, mas que mantiveram a sua inteligência, a sua individualidade, após a morte do corpo biológico. Contaram também, através do fenômeno mediúnico, como é a consciência física do plano em que estão, quais seus sentimentos e sensações e as conseqüências dos atos que praticaram na existência terrena.

Nesse particular é muito interessante ler obras de Francisco Candido Xavier que contam sobre experiências de pessoas mortas no mundo espiritual e que depois enviaram mensagens aos familiares, através dele. Essas psicografias de Chico Xavier foram estudadas numa pesquisa da Associação Médico-Espírita de São Paulo, mormente coordenada pela doutora Marlene Nobre e pelo senhor Paulo Rossi Severino, que foi publicada em uma obra muito interessante - A Vida Triunfa - que contém, além de 45 mensagens, um estudo estatístico sobre as psicografias de Chico Xavier, baseado nos relatos dos próprios familiares que responderam a questionários especialmente preparados.

Temos também as investigações no campo das Experiências de Quase Morte (Near death Experience- NDE ou Experiences aux frontières de la Mort), como, por exemplo, as estudadas pelo dr Peter Fenwick, da Inglaterra, e muitos outros pesquisadores norte-americanos. São os relatos de pessoas que no ato da morte, da parada cardiorespiratória, visitaram o mundo espiritual e guardaram a lembrança disso.

O espírito sobrevive à morte do corpo biológico e habita nos universos paralelos. Esse tipo de vida pode ser concebido, pela ciência, como hipótese de trabalho.

Afirmo que vou trabalhar com essa hipótese, se está certa ou não, só o avanço da ciência responderá. Se estiver correta, será comprovada pelo progresso científico, se não, teremos de buscar a Verdade onde quer que ela se encontre, como nô-lo ensinou Allan Kardec.

As religiões devem acompanhar o progresso da ciência, procurando respaldar, nela, os seus postulados e sua fundamentação. Por recomendação de Allan Kardec, é isso que acontece com o Espiritismo.

Há uma questão também sobre a realidade do espírito. A hipótese da existência do espírito e de sua sobrevivência após a morte, não é um recurso destituído de força paradigmática. A matemática, já utiliza tais recursos.

1 - Teoria do Número Imaginário

$$\sqrt{-2} \notin \mathbb{R}$$

$$i^2 = -1 = \text{No Imaginário}$$

$$\in \mathbb{C}$$

$$\sqrt{-2} = \sqrt{2i^2} = i^2\sqrt{2}$$

$$i^2 = \text{ESPÍRITO}$$

Por exemplo, se levarmos em consideração este número: raiz quadrada de menos dois; pelo conjunto dos números reais, você não resolve essa equação. Então a matemática inventou um número: i ao quadrado, que foi chamado, número imaginário. Assim ficou que i ao quadrado é igual a menos um, sendo assim, raiz quadrada de menos dois seria raiz quadrada de i ao quadrado vezes dois que é igual a i raiz de dois. Dessa forma, ficou resolvida a equação.

Ocorreu então que a matemática, com o número imaginário, introduziu um universo de números, os chamados números complexos. Com isso, foi possível a execução de grandes trabalhos da tecnologia, como o envio de foguetes para a Lua, sondas para Marte, e assim por diante. Mesmo sendo um número imaginário, não deixou, de ser constituído de representação concreta.

Se a matemática criou esse número imaginário para resolver seus problemas, será que a gente não pode presumir a existência do Espírito como sendo um recurso de raciocínio para tentar entender a neurofisiologia, a neuropsicologia, a sociologia das relações humanas? Será que não podemos trabalhar com essa hipótese, a da existência do Espírito, do ser enquanto individualidade, tentando traduzir os fenômenos neuropsicológicos, neurofisiológicos e até sociológicos para entendê-los melhor?

Acredito, portanto, que não estamos, cometendo uma heresia científica ao usar esse recurso, o de presumir a existência da alma, para tentar entender o fenômeno. É assim que nós vamos trabalhar o nosso raciocínio ao longo da explanação desse curso.

Vamos presumir a seguinte idéia: existem muitos planos espirituais que são as diferentes dimensões ou universos paralelos. É interessante lembrar também as pesquisas do psiquiatra Stanislav Grof.

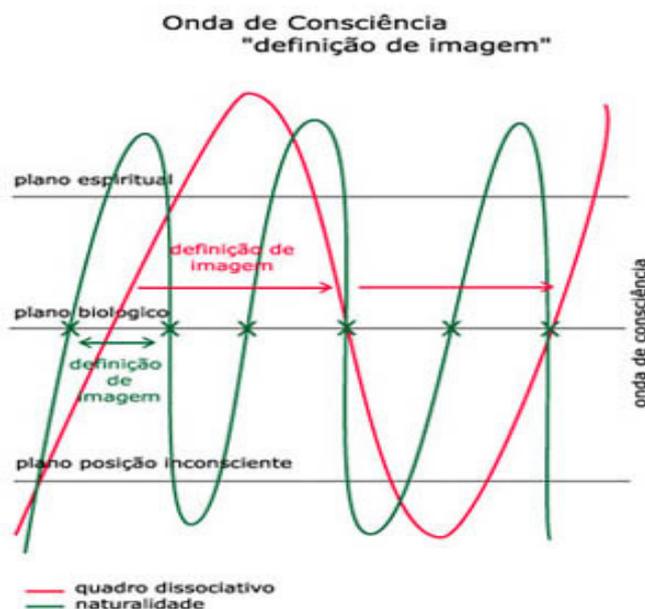
Curiosamente, na década de 50, um químico do Laboratório Sandoz descobriu uma substância chamada ácido lisérgico e não se sabia exatamente quais seriam, em sua totalidade, as conseqüências da ingestão dela. Sabia-se apenas que atuava na área do sistema nervoso. Foram chamados psiquiatras voluntários para ingerirem a tal substância e Stanislav Grof apresentou-se como um deles.

Bem, ao ingeri-la - desaconselho isso a qualquer pessoa - Stanislav Grof teve uma visão do mundo espiritual, segundo seus relatos, no livro "Além do Cérebro". Temos observado esses mesmos relatos entre os usuários dos mais variados tipos de drogas, que também são totalmente desaconselháveis. Essas drogas podem remeter a pessoa às mais variadas dimensões espirituais, sejam elas os umbrais tenebrosos ou os planos paradisíacos. Na observação de pacientes usuários de drogas, temos encontrado algum ponto de coincidência com as experiências relatadas por Stanislav Grof.

Posteriormente, quando se averiguou que essas drogas são lesivas ao cérebro, Grof passou a utilizar técnicas para entrar em estados de transe, de forma a não precisar do uso de nenhuma substância psicoativa, como a que obtém através da música, e da hiperpnéia, que é a respiração rápida. Dessa forma, a pessoa entra em estados alterados de consciência, também chamados estados holotrópicos.

A pessoa pode estar centrada no seu universo biológico, deslocada para o espiritual ou para o seu subconsciente. É como se ela estivesse aderida ao próprio corpo, semideslocada dele ou submersa dentro de sua alma, do seu psiquismo, do seu subconsciente.

Por exemplo, quando você observa uma pessoa, no momento em que ela está tentando se lembrar de um fato que ocorreu com ela, parece que o seu olhar se vira para dentro de si mesma. É uma impressão subjetiva, como se o olhar se tornasse vago, e a pessoa estivesse penetrando dentro de si, desliga-se do ambiente; percebe-se no olhar dela essa alteração; há como que um mergulho no espaço subconsciente ou no inconsciente.



Quando uma pessoa está com a atenção alerta, no caso em que espera alguém entrar na sala, ou vai atravessar uma rua, ela está centrada no corpo biológico. Se está sentada num sofá, meio sonolenta, entra numa fase hipnagógica, desloca-se do corpo e tem visões, ouve e vê coisas, ela não está nem dormindo nem tampouco acordada, num estado de semitransê, vamos dizer assim, ela está na dimensão espiritual.

Há casos de relatos de fenômenos de desdobramento em que a pessoa se desloca verdadeiramente e tem acesso às informações do mundo espiritual.

O que tudo isso quer dizer? Que a nossa consciência, nem sempre está centrada aqui no biológico, ela oscila. Ora ela está deslocada para o mundo espiritual, ora está submersa no subconsciente, ora no mundo material em estado de alerta. Então a nossa consciência age como uma função de onda, que oscila, do modo de uma senóide. A cada átimo de segundo é como se nós vibrássemos, saíssemos do corpo, submergíssemos no nosso subconsciente e nos centrássemos. Essa oscilação é contínua, de forma que a nossa visão de realidade aqui na biosfera, no biológico, é descontínua.

Você já deve ter observado isso. Por exemplo, quando você vai assistir a uma peça de teatro, concentra-se, mas não são todas as frases, as palavras, os jeitos, os trejeitos que você observa.

Alguém diz assim:

- Você viu quando o ator fez tal e qual coisa?
- Puxa, esta parte eu não vi.
- Ué, você estava olhando, como é que você não viu?

O outro fala:

- Você viu tal coisa?
- Ah! isso eu não vi.

Quer dizer, há uma visão descontínua da realidade, porque a nossa consciência, oscila os níveis de concentração. Às vezes uma pessoa passa na sua frente e você não vê; porque a nossa consciência oscila, a nossa visão de realidade é fragmentária.

Tópico 3 » A nossa consciência é uma função de onda

Muito bem, então a nossa consciência é uma função de onda, que possui uma frequência e uma amplitude.

Se uma pessoa estiver num estado alterado de consciência, ou por uso de drogas, ou por que está entrando numa psicose ou outra situação de desequilíbrio, ela vai mudar a frequência da amplitude de onda da consciência. Com isso, ficará mais projetada na dimensão espiritual, na área subconsciente, e mais distante, da biológica; estará mais voltada à abordagem espiritual, para a interatividade com o além, ou para o subconsciente, perdendo a definição de imagem da realidade biológica.

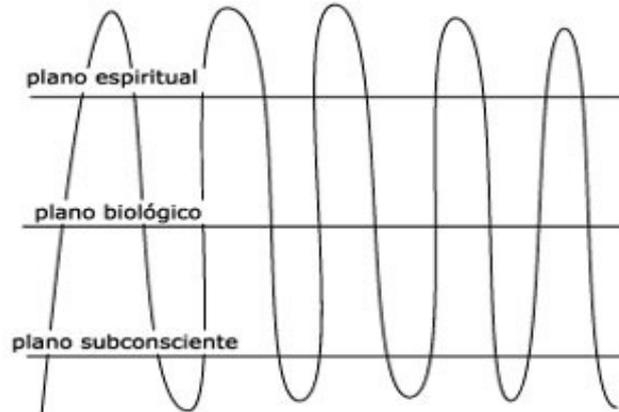
Nessa posição, a pessoa vai ter dificuldade de manter o raciocínio lógico coerente, na verdade, há uma mistura de aspectos que ela capta da dimensão espiritual, do seu inconsciente e da sua realidade biológica.

Assim, ela vai trazer para a sua realidade, elementos do discurso da vivência espiritual, subconsciente e biológica. Há pouca definição de imagem com uma fragmentação do discurso, próprio dos transtornos dissociativos, dos quadros psicóticos ou popularmente chamados quadros de loucura.

Então, aqui, ela recebe uma interferência de personalidades intrusas, outros Espíritos ou entidades, tem uma vivência toda própria da dimensão espiritual, ou elementos de suas vivências passadas, do seu

próprio subconsciente, tudo isso somado a uma visão fragmentada da realidade. Nisso se constitui o discurso da loucura: pseudo-ilógico.

Digo pseudo-ilógico porque, nesse discurso, se você consegue discriminar do fraseado tudo o que a pessoa diz, separando o que é influência espiritual, do que é da dimensão subconsciente e da biológica, você entende a lógica do que está acontecendo com a pessoa.



O paciente ansioso, por exemplo, tem um fenômeno interessante: um aumento muito grande da frequência e conseqüente aumento de contato com a dimensão espiritual e subconsciente, ao mesmo tempo que é grande a definição de imagem da realidade biológica.

O que acontece? Há uma sobrecarga sensorial, uma confusão, e, depois de um tempo, ela não tem mais energia para se sustentar; entra em depressão. O que pretendemos ressaltar é que a nossa consciência oscila.

Vou mostrar o exemplo de um paciente que está oscilando de acordo com estas características. Esse paciente pintou estes quadros que se seguem. Pedi que, em cada estado, ele desenhasse e pintasse uma tela, já que era habilidoso nisso. Vamos observar alguns detalhes dos quadros.

Observe esses prédios: o paciente está em cima de um deles, indicando, inclusive, uma tendência suicídica. Veja como ele está se enxergando: fora do corpo, porque está voando, enquanto o corpo está em cima do prédio. A visão de realidade dele é psicodélica, colorida, florida, delirante. Temos, aqui, um estado de transe, uma alteração de estado de consciência, e elementos do universo subconsciente, traduzidos por delírios e uma vivência espiritual que é o deslocamento do seu corpo.



Essa, ele viveu a dimensão espiritual própria dos estados de transe, ele vive a dimensão espiritual

Muito bem, após um período de tratamento em que ele recebeu medicação, tratamento psicológico e espiritual, ele entrou numa segunda fase. Queremos ressaltar o valor das medicações, quando indicadas de forma correta, porque elas ajudam o paciente a ancorar -se na realidade biológica, bloqueiam o fenômeno de transe.



Aqui também, da mesma forma, ele vive a dimensão espiritual, a consciência está mergulhada no espiritual e no subconsciente.

Veja, aqui, o relato de como ele se entrega ao tratamento. Observe essa figura, ela mostra como ele está buscando ajuda e se entrega ao tratamento. Vê-se que ele está deitado como se fosse num berço ou no colo, inteiramente entregue ao tratamento.

Muito bem, o que ele vê? Vê luzes aproximando-se dele, referindo-se ao tratamento espiritual. Ao mesmo tempo, vê-se saindo de si ou sendo dissecado, descreve rostos que seriam Espíritos que o possuíam, que o estavam perturbando. Espíritos obsessores, conforme o seu relato.

Dando continuidade ao tratamento, o paciente passa por uma outra fase, em que ele já se centraliza na vida biológica, apenas não está encontrando a sua identidade: quem sou eu, afinal de contas? Está em busca de uma identidade, quer dizer, ele já está se centrando mais na dimensão biológica, apenas ainda não focalizou com perfeição, a busca da sua identidade.



Aqui ele já procura se centrar, procura um foco na dimensão biológica



Finalmente, na continuidade do tratamento, vamos ter uma fase em quem que o paciente se centraliza, passa a vivenciar a experiência biológica no universo corporal. No plano de fundo, os retalhos de tudo o que passou e um grande questionamento: o que aconteceu comigo?

E aqui ele consegue se centralizar, vamos dizer assim, ele se centraliza, a função de onda de consciência se centraliza aqui mais próximo da dimensão biológica.

Então o que está acontecendo? O que está havendo?

Em nossa vida percorremos os diversos espaços das nossas dimensões: a interior, a espiritual e a biológica. A variação dos padrões de oscilação vão caracterizar os diversos estados alterados de consciência, inclusive os patológicos, as diversas doenças.

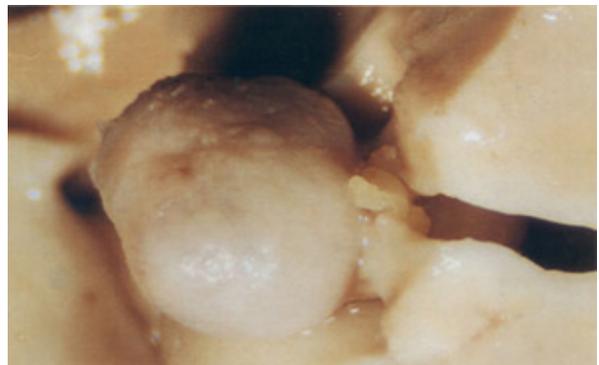
O que nós vamos estudar é como é que tudo isso se processa dentro do nosso cérebro, no nosso psiquismo. Como é que se dão os fenômenos da nossa ligação com o mundo espiritual, e o que é que alteram em termos de comportamento, o que é mediunidade.

Tópico 4 » Mediunidade

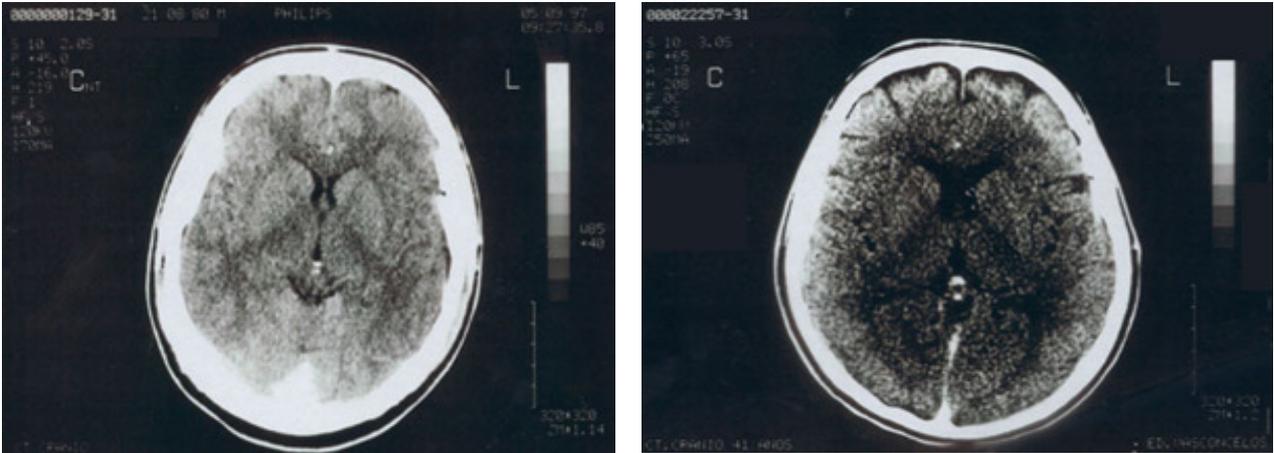
Mediunidade é uma função de sensopercepção. E como toda função de sensopercepção precisa de um órgão sensorial que capte a mensagem; uma área cortical do cérebro que a interprete e elementos do psiquismo que façam o julgamento.

O órgão do sentido capta, projeta para a área cortical do cérebro e o psiquismo, espírito ou alma, faz o juízo crítico daquela situação.

Para explicarmos essa questão, tomemos um pouco da anatomia do cérebro. Vamos procurar mostrar como é a glândula pineal na sua forma, em algumas fotografias, através de uma lupa. A forma varia conforme o cérebro. Parece que não há uma pessoa com uma pineal igual a outra. São vários encéfalos que foram estudados em autópsia.



Na radiografia e na tomografia, o que temos é um ponto branco, bem no centro do encéfalo: a pineal.



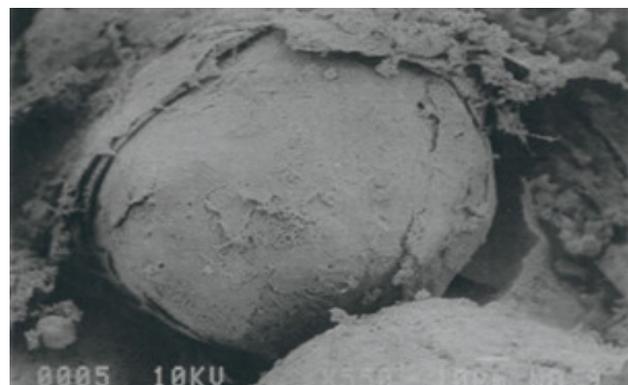
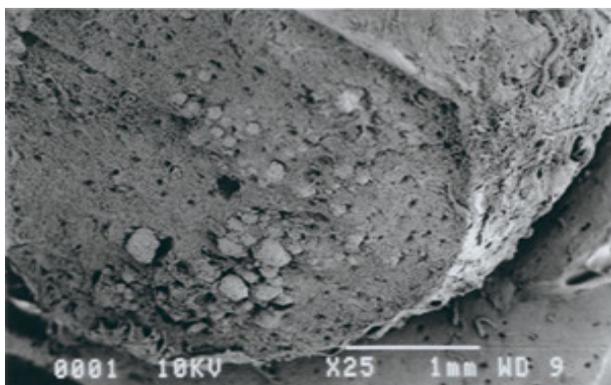
René Descartes dizia que a pineal é o ponto onde o espírito se liga ao cérebro. Será que a afirmação dele era verdadeira? Estamos tentando encontrar uma fundamentação biofísica para essa hipótese.

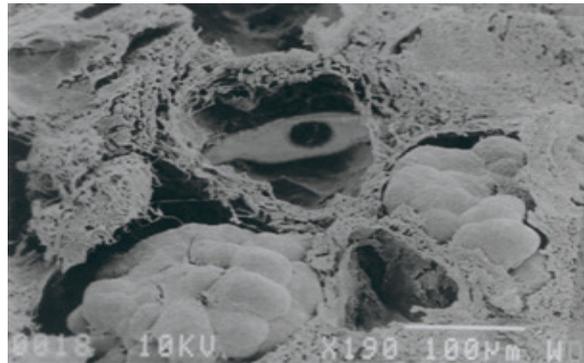
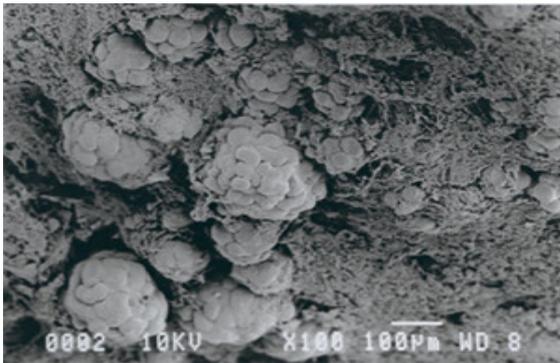
Se o espírito liga-se ao cérebro pela pineal, como não existem duas pessoas iguais, reflexamente também não vão existir duas pineais iguais. De fato é o que a gente observa. As pineais, de um e outro encéfalo são bem diferentes.

E por que está a pineal aparece aqui, nestas tomografias, como um ponto branco? Porque está incrustada de cristais de apatita, pelo processo de biomineralização. Há pessoas, no entanto, que não apresentam essa característica, não há uma incrustação de cristais de apatita em quantidade suficiente para provocar uma imagem radiopaca. Portanto há pineais que apresentam cristais de apatita em grande quantidade, e outras que não, e não depende da idade. Temos crianças que apresentam grande quantidade de cristais de apatita e pessoas adultas que não os apresentam em quantidade que possa ser vista na tomografia ou ao raio-x.

Pesquisamos a microscopia da pineal para tentarmos entender quais os elementos que existiriam dentro dela, que poderiam ser responsáveis pelo processo de regulação da captação magnética, de ondas que, em tese, viriam do mundo espiritual ou de recursos da telepatia.

Será que existem estruturas na glândula pineal que poderiam responder por esse fenômeno de captação? Nós a fotografamos internamente; observamos aspectos da pineal cortada ao meio e utilizamos o microscópio eletrônico de varredura do Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo.



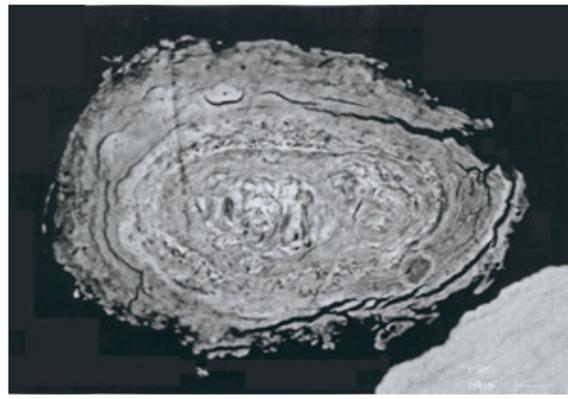


Vemos aqui pequenas esferas, que parecem amoras, incrustadas em diversos pontos da estrutura interna da glândula. Podemos observar essas estruturas, que aparecem de forma radiopaca na tomografia, um ponto branco no meio do cérebro.

Quando a pessoa apresenta grande quantidade dessas estruturas, que são os cristais, eles aparecem de forma radiopaca, caso contrário, terão consistência carnosa. E isso depende de características muito peculiares que nós estudamos de pessoa a pessoa.

Tudo indica que os cristais são estruturas previstas no campo morfogenético da pessoa, quer dizer, cada pessoa deve nascer com a pré-disposição a ter um número de casulos dentro da glândula, onde se aninham os cristais de apatita.

Vamos ver uma figura mais detalhada. Supondo que se fracture um cristal, nesse caso, tem-se a visão da estrutura interna dele, que é formada por lamelas concêntricas, como quando você corta um tronco de determinadas árvores e as vê.



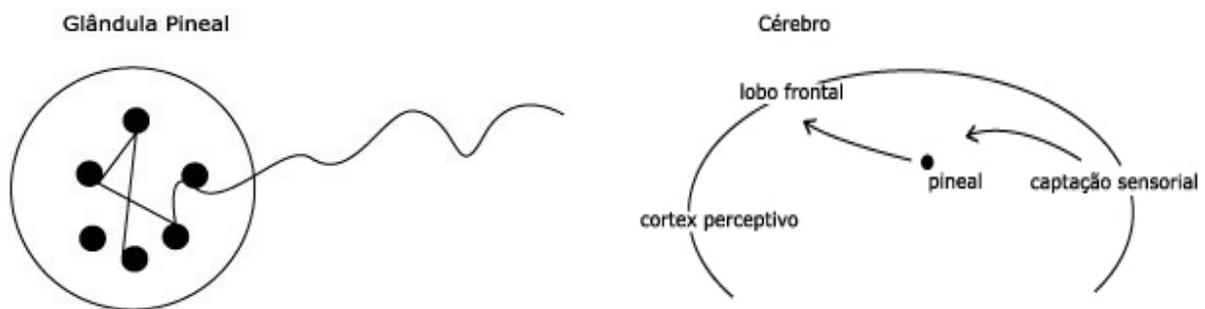
Quanto mais velha é a pessoa, mais lamelas ela vai apresentar, em cada um desses cristais.

Antigamente, pensava-se que a glândula pineal, calcificava-se e perdia a função, a partir de determinada idade.

Hoje, sabe-se que não, que na verdade o processo de calcificação, melhor dizendo, de biomineralização, está implicado com uma grande função da glândula, a sua capacidade metabólica. Esses cristais, não são, portanto, estruturas mortas.

Inclusive, fizemos uma fotografia, também ao microscópio eletrônico, demonstrando a existência nesses cristais, de microcirculação sanguínea. Isso quer dizer que eles são metabolicamente ativos, estruturas vivas. A calcificação não representa a morte da glândula, pelo contrário, há um metabolismo intenso nessas estruturas que são diamagnéticas.

Fizemos um estudo analisando a estrutura interna desses cristais, a substância da qual são feitos - a apatita - utilizando, para isso, a difração de raio-x. Constatamos não só que são cristais, pelos picos que formam a partir da difração, mas também que têm propriedades diamagnéticas, repelem fracamente o campo magnético.



Numa linguagem simples, podemos dizer que é como se a onda batesse num cristal e fosse ricochetada para outro, desse para outro, e assim sucessivamente. Desse modo, o campo magnético é seqüestrado pela glândula.

Quanto mais cristais a pessoa apresenta na glândula, maior é a capacidade de captar esse campo magnético, e isso caracterizaria o fenômeno mediúnico propriamente dito, o que vem da dimensão espiritual, dos universos paralelos, fenômeno de incorporação, e assim também o de telepatia, que seria a comunicação que vem da nossa dimensão, das pessoas que estão encarnadas. Ela captaria determinados planos do mundo espiritual que estariam em sintonia ou ressonância com o tipo de onda que a pessoa produz ou elege para seu próprio clima mental.

Dessa forma, a pineal funcionaria como uma caixa de ressonância das ondas mentais, seria capaz de intermediar o fenômeno mediúnico.

Em nossa hipótese de trabalho, portanto, a glândula pineal é o órgão sensorial da mediunidade. Tal como um telefone celular, capta as ondas do espectro eletromagnético que vêm da dimensão espiritual. O lobo frontal é o substrato cortical do juízo crítico da mensagem, auxiliado pelas demais áreas encefálicas.

Tópico 5 » Cristais de apatita

Temos entendido que, quando há cristais de apatita há uma captura do campo magnético, próprio dos fenômenos de estados de transe como é a psicofonia, a psicografia, ou os tranSES de possessão.



Se a pessoa não apresenta esses cristais de apatita, em quantidade suficiente para se tornarem radiopacos na tomografia, tenho entendido que são pessoas cujo contato com a espiritualidade se dá por desdobramento, ou a chamada mediunidade anímica. Quer dizer, a pessoa se desloca do corpo e esse deslocamento provoca um contato com a espiritualidade, mais direto, de espírito a espírito.

Já num fenômeno mediúnico propriamente dito, como é próprio dos que têm bastante cristal de apatita, a comunicação se dá por seqüestro do campo magnético e é como se a entidade comunicante se aproveitasse do aparelho mediúnico da pessoa para traduzir a sua comunicação, para expressar-se.

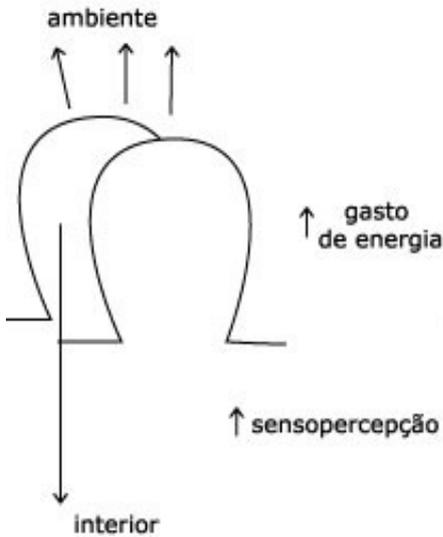
Qual a importância de se discriminar entre esses dois padrões de fenômenos?

É porque, clinicamente, os sintomas de um caso e de outro são diferentes. Vou detalhar o que observamos, porque pode ser que isso seja objeto de pesquisa por parte daqueles que queiram dar continuidade a essas idéias, na busca da verdade.

Temos observado que a pessoa que possui desdobramento, apresenta algumas características curiosas, como por exemplo, distúrbios do sono, estados de sonambulismo ou variantes, tais como, terror noturno, contraturas musculares e agitação, durante o sono, como o bruxismo. Fenômenos durante o sono são comuns nas pessoas que têm desdobramento. Estas também costumam referir-se, muitas vezes, à ansiedade e, às vezes, até à fobia.

A pessoa entra em desdobramento e não tem consciência do que está acontecendo; capta elementos do mundo espiritual e também subconscientes, em quantidade, de modo que não compreende o que está acontecendo. Então há uma afetação, uma sobrecarga de sensopercepção, isso levaria a um estado de hiperestesia ou de ansiedade, e, por estar lidando com sensações desconhecidas, à fobia. Inclusive uma fobia inexplicável que a pessoa acaba projetando para alguma coisa mais concreta que ela possa explicar: medo de elevador, medo de inseto, medo de avião... na verdade ela está dando uma justificativa mais concreta, mais visível para ela de um universo de fenômenos que estão ocorrendo por uma hipercaptação, porque o estado de desdobramento provoca um alargamento da sensopercepção.

Esse tipo de estado é próprio dos iogues. Eles entram em desdobramento, têm uma percepção mais alargada do ambiente, só que isso é de forma consciente e disciplinada, e também aumentam a capacidade de entrar dentro de si.



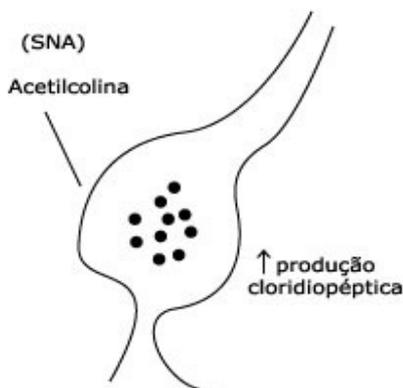
Imaginemos uma pessoa, que tem esse desdobramento, mas não sabe o que está acontecendo, ela tem um alargamento da sensopercepção, mas não sabe o que vai buscar. Não há uma objetividade, o campo fica aberto para a captação de elementos do universo, do espaço espiritual, e também do seu subconsciente, mas não tem objetivo, fica, então à mercê do que vier, do que for captado. Desse modo, a pessoa fica com uma sobrecarga de estímulos e é levada à ansiedade, fica aterrorizada por um medo de não se sabe o que, e fica com uma autocrítica muito intensa porque mergulha dentro de si sem objetividade, absorvendo coisas de dentro de si que muitas vezes não interessam mais, já são elementos do passado ou coisas assim.

Isso provoca na pessoa um desgaste imenso, e ela costuma ter quedas de energia. Ela oscila, então, entre a ansiedade e a depressão, a fobia e a depressão; há queda de energia e se você for pesquisar elementos no psiquismo da pessoa, você não encontra consistência no psicodiagnóstico que justifique a dimensão do sintomas. Jung chamava isso de acausalidade, a pessoa apresenta um volume de sintomas desproporcional àquilo que você observa no seu psiquismo.

A pessoa que tem desdobramento (EFC – experiências fora do corpo - ou OBE – *out of body experiences*), precisa ter objetivos de vida muito claros para que a sua sensopercepção seja dirigida para a conquista deles, de forma que o gasto de energia seja compensado pela atividade construtiva, inclusive no mergulho dentro de si mesma. Dessa forma, a pessoa não fica perdendo tempo com indagações internas que não tem sentido, apenas a desgastam.

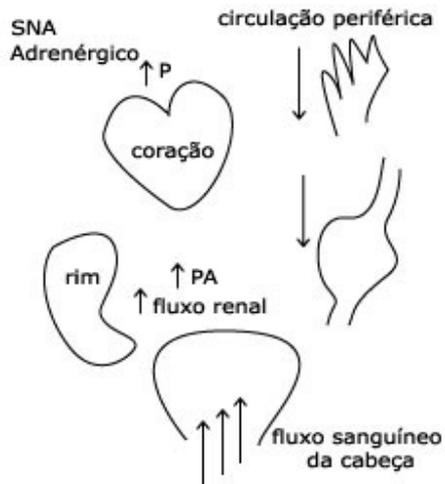
Tenho observado também, que essas pessoas que têm desdobramento, apresentam fenômenos orgânicos colinérgicos, ou seja, incremento da atividade do aparelho digestivo e diminuição da pressão arterial.

Curiosamente, os médiuns de ectoplasma, que produzem energia de cura ou materialização, são de desdobramento também. Parece que o desdobramento, talvez por ter um incremento de atividade sensorial, provoca na pessoa uma grande profusão de produção de ectoplasma. Então o médium de desdobramento é bom médium de materialização e cura.

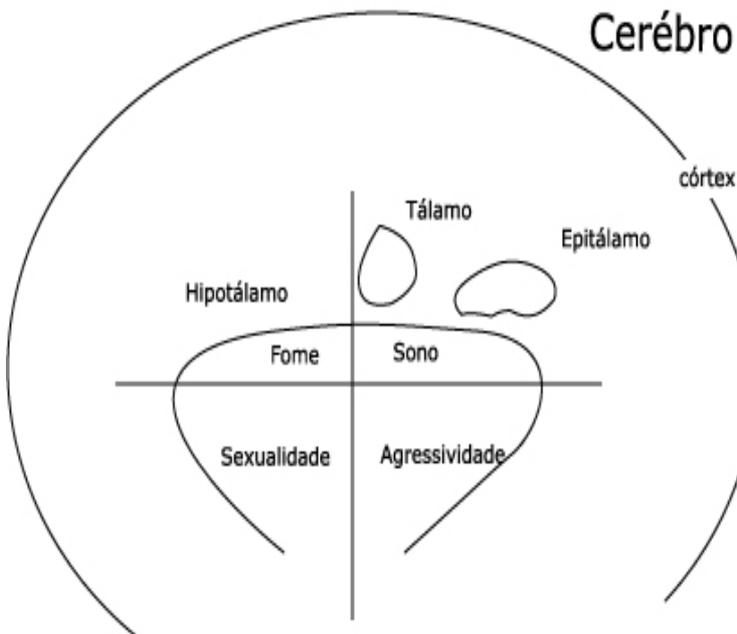


André Luiz, pela psicografia de Chico Xavier, relata exatamente esse fato, que os médiuns de materialização têm um incremento do peristaltismo, da produção cloridopéptica do aparelho digestivo que é uma função colinérgica. Parece que a observação clínica, está de acordo com essa observação.

Este tipo de mediunidade, portanto, nem sempre se manifesta de forma fenomênica. Muitas vezes, a pessoa tem muitos sintomas psicológicos, tais como depressão, fobia, ansiedade, ou orgânicos, como digestivos e outros, que exigem da pessoa o desenvolvimento mediúnico, ou seja, o conhecimento de seus padrões sensoriais para que possa dominar e usufruir isso de forma construtiva.



Resultados parciais de nossas pesquisas tem demonstrado que a pessoa que apresenta os cristais de apatita em grande quantidade, normalmente, são médiuns, têm alterações do estado de transe, apresentam fenômenos orgânicos e psíquicos um pouco mais diferenciados. Há uma ativação adrenérgica, a pessoa, sente taquicardia (aceleração cardíaca), uma diminuição do funcionamento do aparelho digestivo, aumento do fluxo renal e também do fluxo sanguíneo da cabeça e diminuição da circulação periférica.



Assim, a interferência espiritual no aparelho mediúnico provoca fenômenos adrenérgicos e a pessoa, muitas vezes, pode ter uma perda de controle de determinados comportamentos. Quais deles?

Comportamentos psicobiológicos ou orgânicos: a fome, a sexualidade, o sono, a agressividade.

Neste último, distinguimos a auto-agressividade, que é a depressão e a fobia, e a heteroagressividade que é a irritabilidade e a violência. São comportamentos que estão situados no hipotálamo.

A pessoa capta pela pineal a onda do espectro magnético, próprio da comunicação mediúnica e muitas vezes não tem consciência disso; pode ser um fenômeno inconsciente. E essa captação, vai amplificar os fenômenos que ocorrem nesta outra área do cérebro que é o hipotálamo: a fome, a sexualidade, a agressividade e o sono.

A pessoa que recebe uma influência espiritual, pode, portanto, ter uma alteração e uma perda de controle cíclica desses comportamentos, ou da fome, como as bulimias, a obesidade, as anorexias ou do sono, com os diversos padrões de transtorno do sono, ou da sexualidade e aí nós diríamos, a dificuldade de formar vínculos, ou a agressividade, a auto-agressividade, a depressão, fobias, que são formas auto-agressivas ou heteroagressividade, a irritabilidade.

A pessoa perde o controle desses comportamentos. Ela afirma que não consegue controlar suas tendências no que diz respeito a um ou mais desses comportamentos, por exemplo, a irritabilidade, ela é desproporcional ao estímulo. Assim, tem fome, sem precisar de se alimentar, grandes dificuldades de formação de vínculos nos relacionamentos referentes à sexualidade e o sono, a pessoa não consegue ter um sono reparador, repousante, tem dificuldades nesse sentido.

Além disso, há o aumento, o incremento do sistema nervoso autônomo adrenérgico que predispõe a pessoa a doenças. Se há um aumento do fluxo renal, predispõe à formação de pedras no rim porque há um aumento do fluxo sem a correspondente ingesta hídrica. Então há uma tendência de formar pedras, diminui o peristaltismo no aparelho digestivo que também favoreceria a formação de pedras na vesícula.

O aumento do fluxo sanguíneo da cabeça favorece os diversos distúrbios, as cefaléias, as enxaquecas. Há também um aumento da frequência cardíaca que pode levar a arritmias cardíacas, aumento da pressão arterial sistólica (hipertensão), então esses estímulos do impacto mediúnico, uma vez sem controle e de forma destrutiva, podem levar a padrões de alterações orgânicas.

A interferência espiritual, por se dar num órgão cerebral, vai ter impactos sobre o organismo, e, se há uma alteração do psiquismo, vai se dar nos comportamentos psicobiológicos.

Não há sentido, portanto, em perguntar se é um problema espiritual ou orgânico? Na verdade, toda influência espiritual atinge o organismo, produzindo alterações no sistema nervoso autônomo, como acabamos de relatar.

Assim sendo, há uma conjugação de elementos. A pessoa pode ter a mediunidade, até ostensiva, mas não ter clarividência, nem clariaudiência, não ter nenhum desses fenômenos paranormais, pois tudo isso pode estar vertido para um outro sintoma. Pode haver alterações psiquiátricas, autonômicas, orgânicas, hormonais, porque se mexe com o hipotálamo, uma estrutura responsável pela regulação hormonal.

A fenomenologia mediúnica é rica de clínica, vamos dizer assim, e nem sempre se manifesta na forma de fenômenos paranormais. É muito provável que você até tenha se localizado num desses sintomas. Vale a pena estudar essa questão.

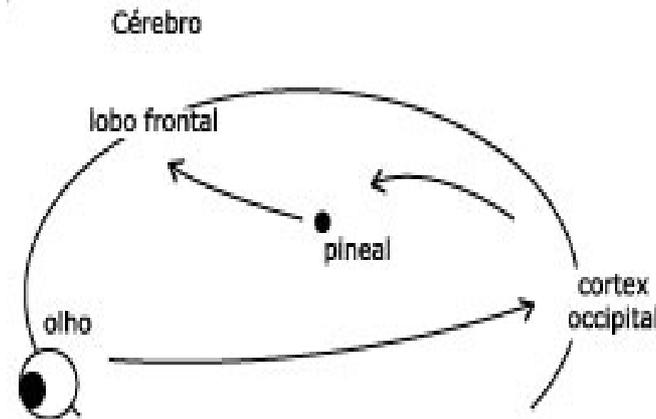
Eu diria que esses achados da observação clínica, devem ser encarados muito mais como um campo de pesquisa a ser desvendado do que como alguma coisa já francamente estabelecida.

São hipóteses calcadas em cima de elementos concretos da observação clínica, mas a merecer uma investigação mais aprofundada sobre o assunto.

Tópico 6 » Fenômenos paranormais

Temos observado que, nem sempre, a mediunidade manifesta-se na forma de fenômeno, ou seja, de estados de transe excepcionais, do tipo clarividência ou clariaudiência, por exemplo. Na maior parte das vezes, sobretudo no nosso cotidiano, o fenômeno mediúnico manifesta-se na forma de sintoma. No dia-a-dia, o que temos observado nas pessoas são alterações de comportamentos psicobiológicos, associados a alterações do estado de transe. Vamos tentar entender isso na anatomia do cérebro.

No fenômeno mediúnico, trabalhamos com a hipótese de que o órgão sensorial é a glândula pineal. Já dissemos que todo fenômeno de sensopercepção, envolve um órgão sensorial que capta o estímulo e uma área da córtex cerebral que processa a informação, tornando esse estímulo acessível à razão, ao auto-domínio. Por exemplo, os olhos, como órgãos sensoriais, captam a imagem e esta é processada no córtex occipital, que é a área de percepção cortical.



Assim também, no caso da pineal, ela captaria o estímulo mediúnico, através de ondas magnéticas vindas do universo paralelo ou mundo espiritual, e esse estímulo seria enviado ao lobo frontal, que se incumbiria das conexões necessárias, a fim de que o indivíduo assumisse o domínio sobre esse intercâmbio, entre o seu universo mental e cerebral e o mundo espiritual. Mas não é dessa forma que acontece, na maior parte das vezes. Por quê?

Pelo seguinte: para que você utilize o lobo frontal, usufrua de seus recursos, como elemento processador das captações mediúnicas, vindas da pineal, você precisa ter um treinamento, um desenvolvimento de sua estrutura psíquica.

Assim sendo, o indivíduo que desenvolve e alimenta dentro de si a transcendência, a capacidade de amar, de tolerar, de resolver problemas, expande essas áreas do lobo frontal. Sem essas qualidades psicológicas, não há desenvolvimento dessa importante região do seu cérebro. Se não houver interesse pela transcendência, não há um processamento cognitivo da captação mediúnica.

Então o que acontece? Essa captação vai ser drenada para áreas mais interiores do cérebro, mais primitivas, como a do hipotálamo. Desse modo, o indivíduo, fora do circuito da compreensão da sua capacidade de elaborar aquilo que absorve da Espiritualidade, não usa a percepção mediúnica, não se interessa em usufruir dos benefícios que ela pode oferecer. Como consequência, toda a captação realizada pela pineal é drenada para as estruturas adjacentes do córtex, mormente o hipotálamo.

O que ocorre, então? No hipotálamo temos a sede dos comportamentos psicobiológicos, nele, estão as áreas da fome, da sexualidade, da agressividade e por ele transita o sistema reticular ativador ascendente, responsável pelo estado de sono e vigília. Assim, o fenômeno mediúnico pode trazer transtornos nessas áreas.

Ora veja, que coisa interessante! Esses comportamentos, que são inerentes a essa área do cérebro, o hipotálamo, fazem parte do que poderíamos chamar de psicologia biológica. Não é preciso aprender, já se nasce sabendo dormir e acordar, já se tem instinto sexual e de preservação da vida, onde a fome está incluída. Do mesmo modo, já existem pulsões agressivas, seja para a coragem, que seria uma elaboração positiva da agressividade, seja para a irritabilidade. Um bebê fica irritável, não é mesmo? Os estados

depressivo e fóbico também são comuns, inclusive nos animais, assim como os estados agressivos violentos. Podemos ter, portanto, a auto-agressividade que é todo um processo psíquico de auto-anulação, que se expressa pela depressão ou fobia, e a heteroagressividade que é irritabilidade e violência.

Então o que acontece? Se o indivíduo não usa a sua capacidade de transcendência, de fazer juízo de valor, de contatar esse universo paralelo que nos cerca, que é a espiritualidade, ele fica com o lobo frontal paralisado. A captação da pineal é, então, dirigida para o hipotálamo, potencializando esses comportamentos. Que conceitos tiramos daí? Que o fenômeno mediúnico nem sempre se manifesta na forma de fenômeno paranormal. Boa parte das vezes, expressa-se na exacerbação de sintomas.

Como é que isso se verifica? Da seguinte forma: ondas magnéticas, que vêm da influência espiritual, são captadas pela pineal, como acontece no telefone celular, e essa energia é jogada para o hipotálamo, circula nesse território, atuando nas áreas responsáveis por esses comportamentos psicobiológicos, potencializando os seus efeitos. Com isso, o indivíduo pode ter uma fome incrível, que não se justifica por suas necessidades metabólicas, ou anorexia; alterações do sono: muita sonolência ou ausência dele; alterações do estado de humor: torna-se irritável, agressivo, depressivo, fóbico ou até mesmo violento; ou ainda ter problemas na área da sexualidade, sobretudo a dificuldade para formar vínculos.

Como essa interferência é externa, não vem de dentro do indivíduo, apenas este estabelece a pré-disposição, a sintonia para receber aquela influência, por similaridade ou ressonância, emitindo uma função de onda aliada a um padrão de comportamento que, por sua vez, vai se sintonizar com as ondas do espectro eletromagnético vindas da espiritualidade de mesmo padrão.

Assim, o indivíduo determina o padrão de onda que recebe, o tipo de comunicação mediúnica que chega até ele. Uma vez, porém, que é captada pela pineal, perde o controle da situação. Esta é uma das características da fenomenologia mediúnica: o efeito superlativo sobre determinados aspectos que a pessoa focaliza dentro de si. Há perda de controle. Por quê? Porque, naquele comportamento, está havendo a co-participação da entidade espiritual, que o está influenciando. Assim, no seu modo de proceder não detém responsabilidade exclusiva.

Tópico 7 » O meu problema é espiritual, psicológico ou biológico?

Muitas vezes a pessoa pergunta: O meu problema é espiritual, psicológico ou biológico? É um problema médico, que se deve tratar biologicamente? Para respondermos, é preciso pensar no seguinte: a influência espiritual é uma função de senso percepção, atinge o cérebro, e vai ter, a partir daí, influências orgânicas, como os comportamentos psicobiológicos, por exemplo. E essa é a principal questão: não tem sentido dizer que o problema é orgânico ou é espiritual, porque os dois estão embricados.

Acompanhamos diversos casos de neurocirurgias de hipófise e constatamos que o indivíduo tem um alargamento da capacidade de interatividade mediúnica após a cirurgia. Ele começa a viver, então, toda uma fenomenologia de estados de transe, bastante intensa, que chega aos domínios psiquiátricos.

Quando se mexe nos circuitos cerebrais, seja cirúrgica ou quimicamente, como acontece no caso de drogas psicoativas, particularmente ativadoras da mediunidade, como é a maconha, a cocaína, o ácido lisérgico, podemos interferir no cérebro e alargar o campo mediúnico. Por quê? Porque a interferência espiritual vai ocorrer num substrato orgânico, aberto pela ingestão de substâncias químicas. Assim, mexer no orgânico, significa também mexer no mediúnico.

Muitos pacientes usuários de ácido lisérgico, de canabis, têm um alargamento do campo mediúnico, vêem os umbrais da Terra e interagem com eles. As anotações que faço desses relatos mostram que muitas dessas visões coincidem com as descrições do Inferno de Dante, em *A Divina Comédia*. Isto faz parte do universo psicodélico do usuário de droga.

Curiosamente, já o dissemos, o eminente psiquiatra tcheco, naturalizado americano, Stanislav Grof, um dos fundadores da psiquiatria transpessoal, participou, como voluntário, de experiências feitas pelo laboratório Sandoz, para testar o ácido lisérgico, que havia sido descoberto por Alfred Hofman. Depois de passar por ela, relatou o mundo espiritual.

Queremos reafirmar que desaconselhamos qualquer uso de drogas, estamos, simplesmente, focalizando o assunto do ponto de vista científico. Tanto assim que esses ensaios com drogas foram substituídos pelo próprio Grof, por exercícios respiratórios, que são indutores dos estados de transe e de outras técnicas ligadas aos padrões hipnóticos. Mexe-se no cérebro, seja cirúrgica ou quimicamente, abre-se a mediunidade.

Pode-se usar um medicamento e obter o efeito inverso. Se usarmos um neuroléptico, por exemplo, a impressão que dá é que dificulta o estado de transe, é como se houvesse um fechamento da mediunidade, possibilitando ao indivíduo centrar-se melhor.

Como a mediunidade, não é apenas uma função orgânica, lida também com a orientação do universo psíquico, o estado emocional e a direção do pensamento que a pessoa imprime ao seu roteiro de vida vai interferir também naquilo que ela focaliza, que sintoniza em termos de relacionamento mediúnico.

A tomografia por emissão de pósitrons comprova: o ato de pensar consome oxigênio e glicose, então, o pensamento, provoca, nas suas diversas tonalidades, o incremento da micro-circulação cerebral, nas áreas específicas, pertinentes àquele modelo de pensamento. Assim, é possível constatar que, quando o indivíduo se esforça para se lembrar de algo, na tomografia vai aparecer o incremento da micro-circulação cerebral no território da memória. Do mesmo modo, quando o foco é o raciocínio mais aguçado vai haver o incremento da micro-circulação em áreas pré-frontais, se é na visão, vai estimular o lobo occipital, e assim por diante. Vemos, dessa forma, que o psiquismo também interfere diretamente na dinâmica cerebral.

O padrão dos pensamentos e das emoções recondiciona a química do cérebro, como um medicamento, daí o valor de se trabalhar o psiquismo, a transformação do pensamento. Quando nós temos o reflexo de alguma situação em nossa vida, aquilo foi iniciado a partir de uma parte da estrutura de nosso pensamento que foi acionada pela vontade.

Através desta, surge a idéia, esta é plasmada, quimicamente, no cérebro, possibilitando toda a gama de senso-percepção e de atividade motora, com isso, transforma-se aquela idéia em ação e a ação produz reflexos.

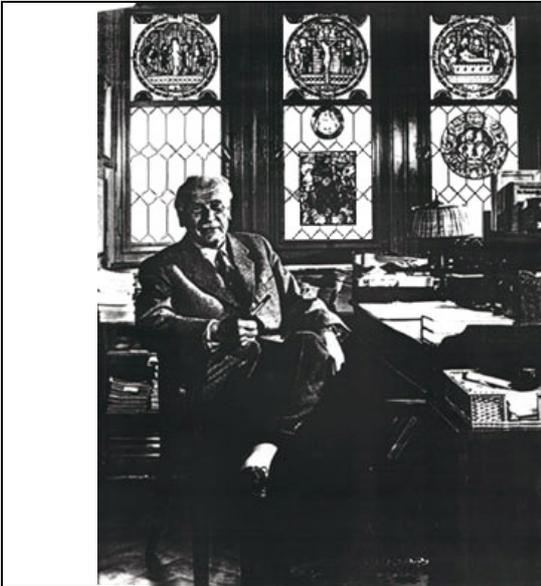
Nada nos acontece por acaso. Aliás, este é um dos paradigmas da psicanálise, que Freud trabalhou muito tempo: tudo que nos ocorre surge a partir de uma vontade subconsciente

Por lógica dedutiva, podemos trabalhar com o inverso. Se estamos com uma conseqüência negativa envolvendo a nossa vida, é possível recondicionar a vontade para uma direção construtiva. Para isso, é preciso plasmar idéias de equilíbrio, que configurem a química do nosso cérebro, de tal modo que se desenvolvam áreas que nos levem a uma sensopercepção e a uma motricidade que desencadeie o ato ou a ação que nos leva à melhora.

Santo Agostinho dizia: uma vez dado o consentimento da vontade, por ignorância ou fraqueza, o mal está feito. O que ele estava querendo dizer? Que o indivíduo alimenta a vontade e ela dá o consentimento. O plasmar da idéia configura o cérebro, este reage, e depois a pessoa não tem domínio sobre as conseqüências.

É isso que ocorre no vício. A pessoa vai reverberar o mesmo ato, porque não tem domínio sobre si mesma, entregou a vontade ao vício, ela plasmou a idéia, configurou-a no cérebro. Este, como está condicionado a acionar aquele padrão de comportamento a todo estímulo indutor, foi programado para garantir o vício, vai continuar fazendo o mesmo. É por essa razão que o maior problema do vício é a falta do exercício da vontade para se libertar dele. Isso anula todas as forças da alma.

Vemos que a estrutura psíquica tem larga influência nesse universo sensorial que é a mediunidade. Curiosamente, quando estudamos o eletro-encefalograma de médiuns em transe, constatamos que a eletricidade cerebral se modifica quando há interferência espiritual.



O eminente psicanalista **Carl Gustav Jung** quando descreve a acausalidade, afirma que o indivíduo apresenta um sintoma, cuja dimensão não se justifica por aquilo que se analisa no seu psiquismo. Nesses casos, os testes psicológicos e o psicodiagnóstico, não explicam toda a amplitude de sintomas que a pessoa está sofrendo. Esse fenômeno da acausalidade é uma das características da interferência espiritual.

Tópico 8 » Estados de transe e possessão por espíritos

Estados de transe e possessão por espíritos são diagnósticos médicos, conforme o **Código Internacional de Doenças** (CID 10), no item F44.3. Nele, vemos que o estado de transe é considerado doença, quando acontece involuntariamente, de forma que a pessoa não tem domínio sobre ele. Já quando a pessoa participa de atividades religiosas em que esses estados de transe são coordenados, vamos dizer assim, voluntários, então isso não configura doença.

Importante essa colocação do Código Internacional de Doenças, porque há obras de autores franceses que disseminam a falsa idéia da existência de uma paranóia espírita. Afirmam que toda a vivência espírita, compreendendo-se nela, a prática, o estudo e a crença na questão espiritual, seria uma paranóia, configuraria um estado de alucinação.

Isso demonstra uma grande ignorância no que diz respeito ao que representa sensopercepção e diagnóstico em psiquiatria. São obras de fundamentação equivocada, que trazem uma idéia completamente desatualizada daquilo que a medicina vem alcançando no entendimento dessas questões.

Curiosamente, há pacientes que trazem sintomas ao consultório que muitas vezes se confundem com crises epiléticas. Quando se presencia uma delas, observa-se que não é exatamente uma crise epilética, não se configura como tal, o que se tem são traços de aspectos conversivos.

André Luiz, em uma de suas obras psicografadas por Chico Xavier, tem um termo que talvez defina com bastante propriedade esse quadro: alterações histero-epileptiformes. Nesses casos, o paciente tem uma crise semelhante à convulsiva, mas, quando avaliada do ponto de vista neurológico, apresenta um aspecto conversivo.

Na alteração **histero-epileptiforme** há uma síntese de dois conceitos: a conversão histérica, que foi muito bem estudada por **Charcot**, na **Salpêtrière**, e as crises epiléticas. Não é nem uma coisa, nem outra, mas um estado alterado de consciência que leva à perda de controle das funções motoras e ao aparecimento, no eletro-encefalograma, de um padrão de onda denominado “onda fantasma”, o que não configura exatamente uma anormalidade. Dá-se um alentecimento de ondas nos lobos frontal e pré-frontal, o que não justifica a proporção da crise pela qual a pessoa passa.

Nos nossos experimentos em eletroencefalografia e mapeamento cerebral de médiuns em transe psicofônico, ocorre a mesma alteração com o alentecimento de ondas ao eletro-encefalograma do lobo frontal e pré-frontal. Curiosamente, esse alentecimento acontece nos estados de sonolência, no momento em que o indivíduo vai dormir, perder a sua capacidade de expressão.

No entanto, o médium em transe, tem ondas mais lentas no lobo frontal e pré-frontal, de forma semelhante ao que ocorre nos estados de sonolência, só que, inversamente, ele tem uma hipercapacitação de expressão, fala coisas além da sua capacidade, com grande traquejo de linguagem, às vezes com alteração, inclusive, do padrão de personalidade ou de comportamento, num movimento intenso, muitas vezes até muscular, e, no entanto, ele não está dormindo.

Tudo indica que a fenomenologia do sono alberga, em sua estrutura, a fenomenologia mediúnica. A medicina vem estudando particularmente essas questões.

Nós temos duas fases do sono muito curiosas: a fase **hipnagógica** e a fase **hipnopômica**. Por uma questão de facilidade pedagógica, vou chamar as duas fases de hipnagógica, porque o termo traduz muito bem o que desejo explicar.

A pessoa, naquela fase em que está em trânsito para dormir, nem acordada, nem dormindo, pode começar a alucinar. É a fase hipnagógica. Nesse estado, pode ter visões, idéias, pensamentos, que sejam, inclusive, alheios ao seu universo imaginário, mas isso não é chamado de alucinação, pois ocorre durante a fase hipnagógica do sono, e é conhecido como pseudo-alucinação. Parece, portanto, que os aspectos fenomênicos da mediunidade são parecidos com essa fase hipnagógica, configurando uma pseudo ou falsa alucinação.

Na alucinação verdadeira, há falta de coerência lógica. Na pseudo-alucinação, que ocorre na fenomenologia mediúnica, existe essa coerência lógica e, muitas vezes, a imagens, palavras ou fraseado que vêm são de coisas desconhecidas da pessoa ou até contrariam as suas próprias idéias.

O paciente, muitas vezes, diz assim: “Doutor, é como se eu ouvisse alguém me sugerindo matar, me matar, ou fazer tal ou qual coisa, e eu luto contra essas vozes que me falam isso.” E muitas vezes, o paciente relata, com riqueza de detalhes, o universo do discurso que chega à sua mente.

De um outro lado, existem pessoas que dizem: “Ouvi uma voz que me disse, faça desse jeito ou de outro e então eu fiz, exerci aquele ato de acordo com a indução daquela voz e percebi que fui levado a uma situação muito positiva a que eu não imaginava chegar, ou fui salvo de tal ou qual contexto.” Nesse caso, é uma voz que expressa algo coerente com o que aconteceu.

É possível que você ou alguém de seu relacionamento já tenha passado por isso. Uma voz ou uma idéia interna que não veio de você, pode salvá-lo ou induzi-lo a uma determinada situação, ou outra coisa. Isso é do senso comum das pessoas e é diferente de alucinação.

Temos também a fase em que a pessoa dorme, e ao acordar, no mesmo estado intermediário entre o sono e a vigília, passa por uma fase hipnagógica. E pode ter também um estado semelhante aos estados de transe.

Particularmente, temos encontrado relatos de um tipo de transe que é chamado de desdobramento, mais conhecido como experiência fora do corpo (EFC).

A pessoa, ao despertar, muitas vezes, relata que está acordada, quer levantar, gritar, falar, mas não consegue movimentar o corpo. Está consciente da situação, mas ainda não está plenamente no estado de vigília, não assumiu o comando das funções estéreo-espaciais do seu corpo, mas já está acordada, lúcida. Este é o estado hipnagógico. Nesse estado, a pessoa sente-se um tanto quanto desesperada, porque pode perdurar algum tempo e é psicologicamente impactante.

Esses dados eletroencefalográficos que demonstram uma alteração, mas que não justificam a dimensão dos sintomas da pessoa, normalmente são resultados interessantes para serem estudados do ponto de vista da fenomenologia mediúnica.

Tópico 9 » Tálamo

Mas há também outras áreas do cérebro, importantes no processo mediúnico, como o tálamo.

Nesta área chegam todos os estímulos sensoriais exceto o olfato, que tem uma outra circuitaria e é motivo de uma outra conversa. Os nossos órgãos do sentido levam informações ao tálamo, e este as envia para a córtex, através da via córtico-talâmica. Uma vez enviada a informação para a superfície, isto é para a córtex, o indivíduo assume consciência daquilo que ele absorveu. Se isso não se der, ele capta o estímulo sensorial, mas não tem consciência do que está acontecendo.

Em tese, os estímulos sensoriais, vindos ou captados pela pineal, são necessariamente dirigidos para o tálamo e nele ficam arquivados. Qual a conclusão disso? Que não temos consciência da maior parte de toda a captação que nos chega do mundo espiritual, do universo paralelo. As informações chegam ao tálamo e ficam ali, principalmente se não existe interesse da pessoa de resgatar esses estímulos armazenados. A falta de treinamento leva à não percepção da situação.

Para entender melhor, imaginemos a seguinte situação: você vai assistir ao concerto de uma orquestra, junto com um amigo seu que é músico. Ao final, ele lamenta que o som do violino estivesse desafinado, e você responde: Nossa! Eu ouvi o mesmo violino, achei lindo; não percebi nenhuma desafinação. Os dois ouviram o mesmo violino, só que aquele que era músico aprendeu a extrair todos os detalhes da sonoridade, recolheu, ali, do tálamo, e trouxe para a córtex cerebral. Conseguiu fazer isso porque se educou para tal.

Como, de maneira geral, a nossa sociedade é destituída do trato com a mediunidade, tem pouca experiência na área da espiritualidade, não consegue perceber, praticamente, nada do que se passa nela. Nós não desenvolvemos áreas do cérebro de percepção espiritual.

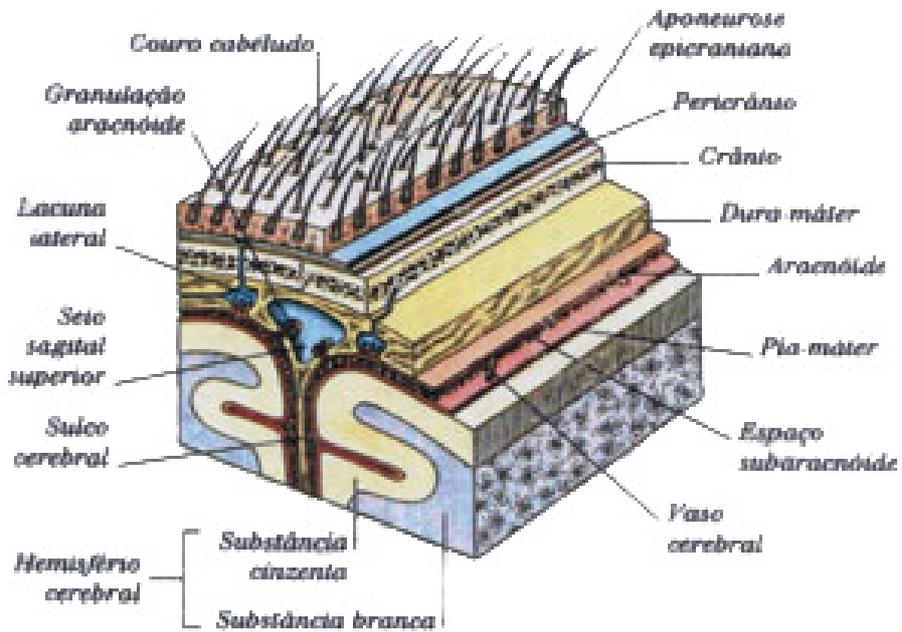
Esta situação é diferente em certas comunidades, como por exemplo, na Índia, ou entre tribos africanas e indígenas, em que essa ligação com o espiritual já vem da infância, ocorrendo, assim, um maior desenvolvimento da percepção desse universo.

A falta da abordagem desse assunto pela nossa sociedade, a ausência desse tipo de educação, leva ao mínimo desenvolvimento da nossa capacidade de ligação com o plano espiritual.

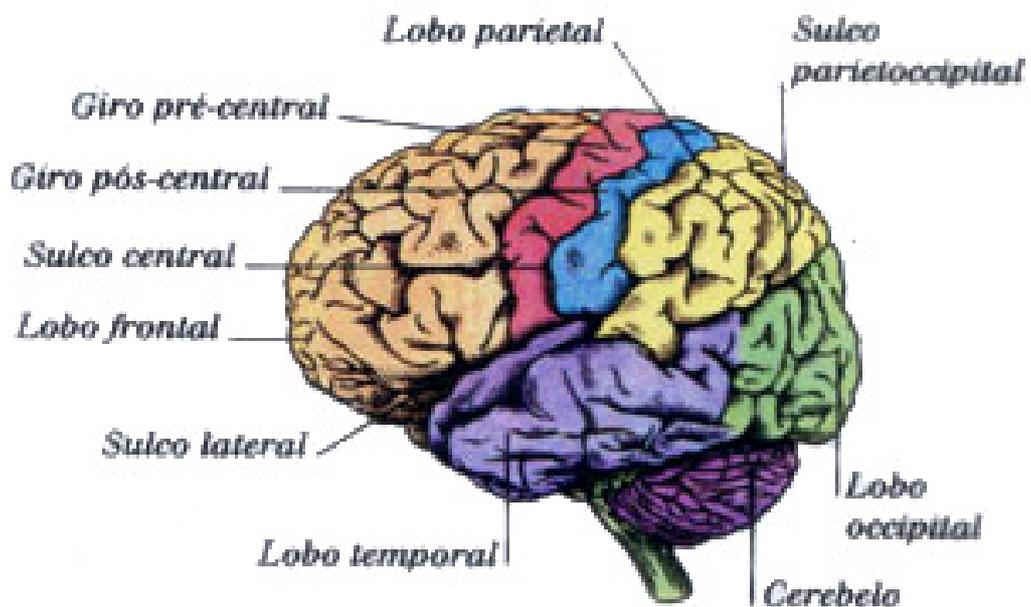
Não há coerência, a ciência fala uma coisa, a religião outra.

Daí a grande importância de estabelecermos através de recursos pedagógicos, uma ligação entre ciência e espiritualidade, para que as nossas crianças, quem sabe os nossos netos, possam ter na escola uma formação em que tanto o espiritual quanto o científico, tenham uma linha de raciocínio coerente.

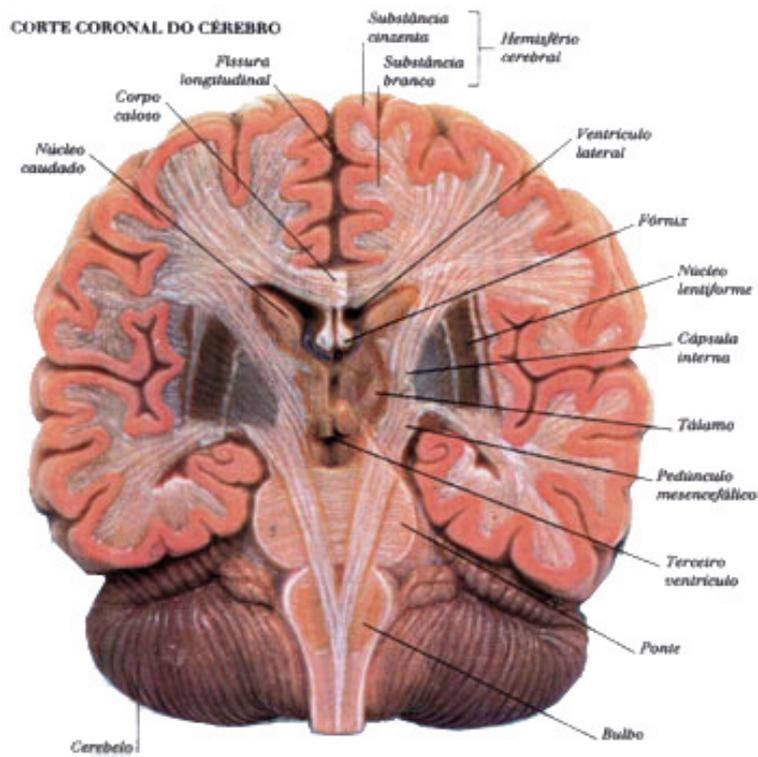
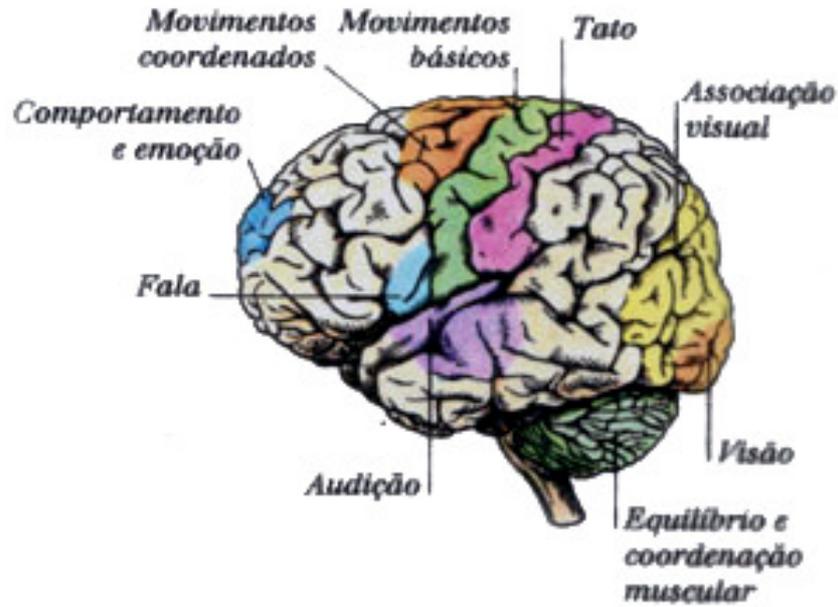
CORTE DO CRÂNIO E DO CÉREBRO



ANATOMIA EXTERNA DO CÉREBRO



ÁREAS COM FUNÇÕES ESPECÍFICAS NOS HEMISFÉRIOS CEREBRAIS



Se a criança for educada, aberta à recepção dos estímulos espirituais, vai, naturalmente, conseguir a mielinização das vias nervosas, o caminho para o amadurecimento das áreas corticais de percepção.

Assim, pois, a pineal capta o estímulo, manda para o tálamo, este arquiva, e você pode ou não acessar a informação. Se você não acessar - a maior parte delas nós não acessamos mesmo - então aquilo ali vai se espalhar para outras áreas.

Ora, o que está nas proximidades do tálamo? O Sistema límbico, por exemplo. Neste, está a área das emoções. O indivíduo recebe um estímulo, através da pineal, desta é drenado para o tálamo, deste parte para as áreas do sistema límbico. Temos, assim, uma influência do nosso universo emocional, sem que a gente saiba de onde veio.

É comum recebermos pessoas que dizem o seguinte: "eu choro, e não sei porque eu choro", ou, "eu tenho uma angústia no peito e não sei de onde vem", "tenho uma saudade e não sei de que". Ou, então, a pessoa tem alterações, flutuações emocionais injustificáveis.

Fala-se na pessoa que é de lua, que altera muito as emoções e não se sabe qual a razão. Ou, então, pode-se dar que você tenha um sentimento por uma pessoa e daqui a pouco não tenha mais e isto pode continuar se alternando. O que está acontecendo, nesse caso? Está havendo uma interceptação no seu universo emocional, confundindo as emoções.

Isto é difícil, porque a confusão do raciocínio, até a gente consegue driblar, mas a das emoções é uma coisa mais complicada, não é? Nem sempre aquilo que a cabeça pensa, o coração sente. Às vezes você queria sentir alguma coisa, mas aquele coração não responde àquilo que você deseja, ele fala diferente. Então, a cabeça manda, mas o coração desmanda, não é assim que funciona?

A coordenação das emoções está muito fora dos domínios da humanidade presente. Nós não tivemos em nossas escolas nenhuma disciplina, para nos ensinar, por exemplo, como lidar com as emoções no namoro, no lar, entre amigos. Como trabalhar com o sentimento de apego, de afeto.

Tivemos aulas de física, matemática, história, geografia, mas ninguém aprendeu a se instrumentalizar para a emoção. Não se discutiu esse assunto. Desse modo, a nossa sociedade forma adultos infantis. Diz-se que nossas neuroses são crianças que dormem dentro de nós. Crianças, que dormem, que gritam, que choram.

Então, os nossos grandes problemas são de enfoque emocional, os mesmos da infância que enfrentamos até hoje na vida adulta e às vezes desencarnamos com as mesmas neuroses sem resolvê-las. E por quê?

Há falta do desenvolvimento emocional desde criança. Tendo em vista as pesquisas de psiquismo fetal, eu diria, desde a vida intra-uterina. Então, a falta de amadurecimento emocional leva à ausência de domínio sobre si mesmo. Ora, se a interferência mediúnica, vinda pela pineal, chega ao tálamo e se desloca para o sistema límbico, a área emocional, que já é um território sobre o qual nós não temos domínio, o que acontece? Como dizemos aqui no Brasil: vira um balaio de gato.

Tópico 10 » Alterações emocionais do nosso cotidiano

De tudo isso, fica claro para nós que a questão da fenomenologia mediúnica se envolve profundamente com as alterações emocionais do nosso cotidiano. Poderíamos dizer que estudar a mediunidade não é apenas procurar conhecer mais sobre fenômenos paranormais, mas, principalmente, vivenciar mais cotidiano, compreender melhor a dinâmica equilibrada do nosso comportamento, seja o emocional, sejam os básicos, de autodomínio. Dessa forma, aprender a equilibrar a sexualidade, o sono, a

alimentação, as pulsões agressivas, transformando estas por exemplo, em pulsões de coragem, de força de vida, o que exigiria o uso do lobo frontal, porque somente este geraria um domínio positivo sobre as áreas mais primitivas.

Em síntese, o fenômeno mediúnico compreende: a captação pela pineal, o arquivamento dessas informações no tálamo (inconsciente), a potencialização dos comportamentos hipotalâmicos, a influência no sistema límbico, nas emoções, e a necessidade de domínio na nossa capacidade de decidir, de pensar, a partir do lobo frontal. Temos, aí, a dinâmica neurofisiológica do fenômeno mediúnico.

O que é curioso é que a maior parte de todas essas questões ocorre de forma subconsciente. Não nos apercebemos desses domínios. E Fica até difícil estudar algo do qual não nos apercebemos, mas se não o fizermos, não despertaremos a consciência para a importância dessa questão.

Diz-se o seguinte: é necessário crer para ver. O cientista vai buscar o resultado de uma experiência, porque acredita que exista, ali, determinada molécula. Ele vai atrás dela, busca localizá-la, faz isso porque acreditou nela, teve interesse.

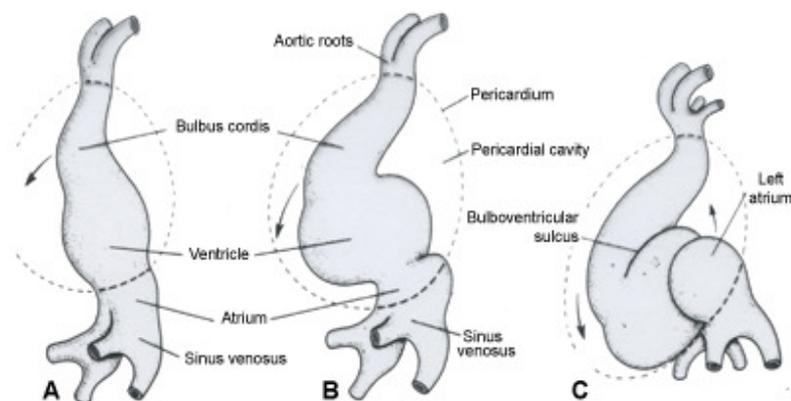
Da mesma forma, para que nós possamos desenvolver a capacidade de percepção espiritual e dominar esse contexto a benefício do bem e da vida, precisamos primeiro estudar a melhor maneira de despertar a nossa mente, para melhor perceber e a partir daí, descortinar a realidade.

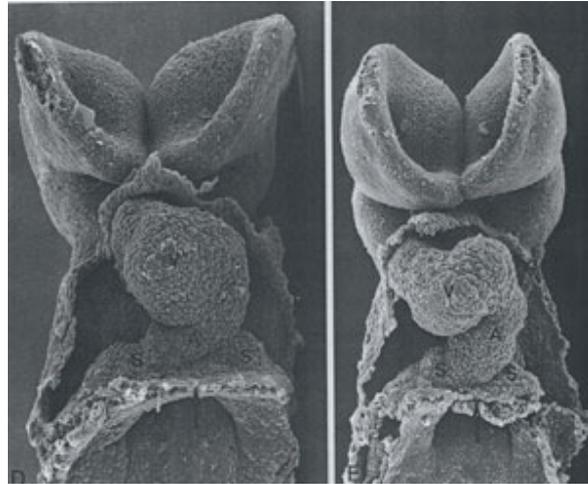
Há um fator determinante, que nós temos de considerar, nosso cérebro não é apenas formado por neurônios, tem também um extenso sistema microvascular, que é tão desenvolvido e intenso, quanto a rede de neurônios. Afinal de contas, estes dependem da microcirculação que lhes aporta oxigênio e glicose para a sua sobrevivência. Os hormônios, os fatores trófico-neurais chegam também pelo sistema microcirculatório, que é formado a partir do sistema cardiovascular.

Então nós temos que os primeiros vinte dias após a fecundação, num desenvolvimento embrionário, vamos ter uma área no embrião que é um campo morfogenético do sistema cardiovascular. Desse campo morfogenético, brotam os vasos sanguíneos que vão permitir que os neurônios se desenvolvam.

Na evolução das espécies, houve o aparecimento do sistema carotídeo, que deu origem à artéria cerebral anterior. Com isso, foi possível o desenvolvimento de todo o território cerebral do lobo frontal e pré-frontal. Sem ela, não haveria essa parte mais superior do cérebro. Assim também, sem a artéria cerebral posterior, irrigando as áreas posteriores do cérebro, e a artéria cerebral média, a porção diencefálica, não existiriam as áreas próprias dos comportamentos subconscientes.

Usando uma força de expressão, o campo morfogenético cardíaco, na verdade, forma o leito, o campo, onde se desenvolve o cérebro. Deduz-se daí que o cérebro está previsto no coração.





Curiosamente, vinte um dias depois da fecundação, o coração está formado e batendo, na posição mais cefálica, a cabeça do embrião é o coração, depois é que ele desce e se acesta na região torácica, mas num estágio inicial é a posição mais cefálica. Que conclusão tiramos daí, do ponto de vista neuropsicológico? Que não existe raciocínio sem emoção.

Nós tivemos duas grandes escolas de estudo psicopedagógico, a de **Piaget** e a de **Wallon**. Segundo Piaget, é preciso desenvolver a inteligência para que haja desenvolvimento da emoção; já Wallon afirmava que são emoções e sentimentos que ensinam a possibilidade de desenvolvimento da inteligência.

Obviamente, há um feedback de controle, regulação e equilíbrio desses sistemas, no entanto, concordamos que a base é a emoção. É por isso que todo mecanismo de aprendizado deve começar por um trabalho de equilíbrio da emoção, aí há uma potencialização da inteligência.

Depreende-se, desse fato, que o desenvolvimento da nossa capacidade de percepção pode orientar caminhos do nosso próprio aperfeiçoamento existencial. A descoberta do espírito a partir de uma amplificação da nossa capacidade de pensar, de compreender, leva ao desenvolvimento da nossa capacidade emocional.

Então, quando você tem um discurso como o de Jesus Cristo, resgatando dos **talmudes judaicos** a essência da base dos comportamentos humanos, agregados ou filiados à capacidade de amar que é o refinamento da emoção, ele estava trazendo a base que nos permitiria o desenvolvimento da capacidade de transcender.

Enfim, nenhum elemento da circuitaria mediúnica funciona de forma a nos levar à transcendência, se o coração não estiver batendo, filiado à força do amor. O desenvolvimento mediúnico depende sim do nosso interesse pelo estudo, mas sobretudo em desenvolvermos a capacidade de amar.

Tópico 11 » Destinos humanos

Não é possível compreender qualquer coisa, no que diz respeito aos destinos humanos, se não formos capazes de amar. Sem amor, não há irrigação sangüínea. E até diria, não há a construção da própria identidade do indivíduo.

Porque nós nos identificamos pelo coração. Eu estou aqui, não pelo cérebro. É uma sensação bioenergética, de forma que, ao estudar a circuitaria nervosa que constrói um instrumento de transcendência, ou seja, os instrumentos cerebrais da mediunidade, jamais poderemos esquecer que o coração tem a base da participação de qualquer zona, ou qualquer território cerebral que funciona como sensório da mediunidade. Esse sistema forma uma gangorra: o coração e o cérebro: um tem comando sobre o outro e vice-versa. Não há uma hierarquia de domínio e eixo entre os dois, é o Espírito.

Nós trabalhamos com a hipótese de que o Espírito sobrevive e mantém a sua identidade após a morte do corpo biológico. É uma heresia científica? Não, porque a ciência nunca provou, em quatrocentos anos, depois de **René Descartes**, que a pessoa seja o seu corpo. Nunca foi provado isso, pelo contrário.

A partir dos argumentos do Teorema de **Gödel**, **Roger Penrose** utiliza, como força de argumento, o fato de o cérebro ser comparável a um grande computador: ele jamais seria capaz de ser dotado de auto-suficiência. Para o seu funcionamento, há a necessidade de um programador e este tem que vir de fora, de um outro sistema, chamado de meta-sistema.

O nosso cérebro é um computador, mas a programação dele tem de vir de um programador, de fora, de um metasistema. São as conclusões a que inúmeros neuro-cientistas vem chegando.

Assim, falar de ciência e espiritualidade não é a tentativa patética de alinhar dois universos distantes, mas muito pelo contrário, ao entender a espiritualidade de acordo com os argumentos da ciência é que nós vamos entender de forma mais congruente o funcionamento do nosso organismo, do nosso comportamento e de nossas relações.

Se a matemática criou o número imaginário - **i2** - para resolver a radiação negativa, por que não podemos dizer para a Ciência que existe a hipótese de que a pessoa seja o espírito? Vamos pesquisar de acordo com essa hipótese, porque o argumento é interessante. Se ela for verdadeira, vai explicar inúmeros fenômenos humanos que inexplicáveis...

Diríamos até que o sistema judiciário está na frente. Ora veja, nascem gêmeos univitelinos, portanto clones humanos, a genética é idêntica de um e de outro, corpos idênticos e é conferido a cada um, uma personalidade jurídica diferente, um CIC e um RG diferente. Se os corpos são idênticos, onde está a diferença? Então o Estado considera a pessoa como sendo o espírito.

Para concluir essa questão, posso ao menos pensar que tudo que foi colocado ao longo desse curso é material interessante para ser pesquisado, janelas que podem ser abertas para novos horizontes, para que possamos resolver, quem sabe, os problemas mais prementes da nossa humanidade.

Fica aqui o convite de integração entre Ciência e Espiritualidade, lembrando a importância do amor, como o que configura a base ética do que deveria ser a nossa Ciência.